



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

ANDRÉ THIAGO DA SILVA

A produção telejornalística durante a pandemia de Covid-19: um estudo de caso sobre o trabalho da equipe de jornalismo da Tv Equinócio.

**MACAPÁ
2021**

ANDRÉ THIAGO DA SILVA

A produção telejornalística durante a pandemia de Covid-19: um estudo de caso sobre o trabalho da equipe de jornalismo da Tv Equinócio.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, como requisito obrigatório para obtenção da titulação de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Me. Elisângela Lima de Andrade

MACAPÁ
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborado por Thalita Rafaela A. Ferreira – CRB-2/1557

Silva, André Thiado da.

S237e A produção telejornalística durante a pandemia de Covid-19: um estudo de caso sobre o trabalho da equipe de jornalismo da Tv Equinócio / André Thiago da Silva ; Orientadora, Elisângela Lima de Andrade. - Macapá, 2021. 70f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Fundação Universidade Federal do Amapá, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Coordenação do Curso de Jornalismo.

1. Telejornalismo. 2. Jornalismo - Estudo de caso. 3. Jornalismo colaborativo. 4. Covid 19. I. Andrade, Elisângela Lima de, orientadora. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

Classificação Decimal de Dewey, 22. edição, 070.195098116

RESUMO

Este estudo buscou observar e analisar a produção de conteúdos telejornalísticos transmitidos diariamente pela TV Equinócio, bem como as condições de trabalho da equipe de jornalismo, e adaptação ao cenário de pandemia da Covid-19 no Amapá. De modo específico, buscou-se examinar a produção das pautas; verificar a dinâmica das entrevistas; e descrever o trabalho dos repórteres durante o período de afastamento/distanciamento social em Macapá, estado do Amapá. Para alcançar os objetivos propostos, foi desenvolvido um estudo de caso, com abordagem qualitativa, no qual realizou-se entrevistas semiestruturadas com repórteres, produtores e diretor de jornalismo da emissora, e observação direta das etapas do processo estudado. As entrevistas e as observações ocorreram entre os dias 16 de julho de 2020 a 6 de agosto de 2020. Os resultados mostram que o uso das novas tecnologias foi fundamental para o trabalho das equipes de jornalismo durante a crise sanitária. Constatou-se, ainda, a utilização de vídeos caseiros gravados pelos entrevistados, o trabalho em home office e medidas de higiene mais rígidas. Considera-se que a pandemia afetou as rotinas e modos de trabalho, principalmente no sentido do distanciamento da fonte, e em todas as etapas de construção das matérias. Por outro lado, trouxe desafios e experiências que permitiram transformar e inovar a prática jornalística tradicional.

Palavras-chave: Jornalismo Colaborativo. Record Tv. Telejornalismo digital. Covid-19. Amapá.

ABSTRACT

This study sought to observe and analyze the production of television news content broadcast daily by TV Equinocio, as well as the working conditions of the journalism team, and adaptation to the Covid-19 pandemic scenario in Amapá. Specifically, we sought to examine the production of guidelines; check the dynamics of the interviews; and describe the work of reporters during the period of social withdrawal/distance in Macapá, state of Amapá. To achieve the proposed objectives, a case study was developed, with a qualitative approach, in which semi-structured interviews were carried out with reporters, producers and the broadcaster's journalism director, and direct observation of the stages of the studied process. The interviews and observations took place between July 16, 2020 and August 6, 2020. The results show that the use of new technologies was essential for the work of journalism teams during the health crisis. It was also verified the use of home videos recorded by the interviewees, home office work and stricter hygiene measures. It is considered that the pandemic affected the routines and ways of working, mainly in the sense of distancing from the source, and in all stages of construction of the articles. On the other hand, it brought challenges and experiences that allowed it to transform and innovate traditional journalistic practice.

Keywords: Collaborative Journalism. Record TV. Digital television journalism. Covid-19. Amapá.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, à Deus e ao Senhor Jesus por me ajudar espiritualmente dando paz, paciência e temperança nos momentos de maior aflição durante o processo de construção desta pesquisa.

À minha família, em especial, minha esposa Margarete Carvalho, que sempre me motivou a terminar esta pesquisa, à meus filhos Carmem Allana, Frida Beatriz e Asafe Silva, que sempre acreditaram em mim e sempre me motivaram a continuar esta jornada até o fim. À Minha mãe e irmãos, que sempre me deram força para que o trabalho ficasse pronto o quanto antes.

À minha querida amiga Franciane Gonçalves, pela ajuda incondicional e colaboração.

À minha professora e mestra, Elisângela Andrade, pela paciência e orientação e por sempre acreditar que eu seria capaz em realizar este trabalho.

E para finalizar, à minha querida professora Claudia Arantes, que, em uma conversa, me confortou quando eu nem mesmo acreditava que seria possível escrever uma única linha desta monografia, me inspirando a seguir em frente.

E viu-se outro sinal no céu e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre a cabeça dez diademas

Apocalipse

LISTA DE ESQUEMA

Esquema 1 - Categorias e dimensões do Jornalismo colaborativo.	39
Esquema 2 - Categorias e dimensões da Rotina de trabalho.	45
Esquema 3 - Subcategoria da Tendência pós-pandemia.	56

LISTA DE FLUXOGRAMA

Fluxograma 1 - Dinâmica desenvolvida pelos jornalistas para a construção das matérias com uso de vídeos caseiros durante a pandemia da Covid-19.....	53
--	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Faixada da emissora Tv Equinócio.	35
Foto 2 - Núcleo de jornalismo da Tv Equinócio.	36
Foto 3 - Redação do Núcleo de jornalismo da Tv Equinócio.	37

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Localização da área de estudo: objeto da pesquisa.....	34
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias, subcategorias e dimensões oriundas da análise dos resultados.....	38
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	155
2	REFERENCIAL TEÓRICO	188
2.1	TELEJORNALISMO NO BRASIL.....	18
2.2	O TELEJORNALISMO NA ERA DIGITAL	211
2.3	PROCESSOS QUE PERMEIAM O TELEJORNALISMO	244
2.4	O TELEJORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA	277
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	311
3.1	TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	311
3.2	ÁREA DE ESTUDO.....	344
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	388
4.1	JORNALISMO COLABORATIVO	399
4.1.1	Produtores de pauta	399
4.1.1.1	<i>Engajamento da fonte</i>	411
4.1.1.2	<i>Envio de vídeos caseiros</i>	42
4.2.	ROTINA DE TRABALHO.....	444
4.2.1	Produtores de pauta	466
4.2.1.1	<i>Trabalho Home office</i>	466
4.2.1.1	<i>Horário de trabalho mantido</i>	477
4.2.2	Repórteres	488
4.2.2.1	<i>Medidas de segurança</i>	488
4.2.2.2	<i>Distanciamento das fontes</i>	49
4.2.2.3	<i>Uso de entrevistas com vídeos caseiros</i>	50
4.2.3	Gerência de jornalismo	533
4.2.3.1	<i>Mudanças na jornada de trabalho</i>	533
4.2.3.1	<i>Medidas de segurança</i>	544
4.3	TENDÊNCIA PÓS-PANDEMIA	56
4.3.1	Uso de vídeos caseiros	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	611
	REFERÊNCIAS	633

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PRODUTOR	688
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA REPÓRTER.....	699
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GERENTE DE JORNALISMO	70
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	71

1 INTRODUÇÃO

Este estudo traz como tema a produção telejornalística da equipe de jornalismo da Tv Equinócio, repetidora do sinal da Record Tv no Amapá, com intuito de mostrar a construção das matérias que foram ao ar, especificamente, durante o período de pandemia de Covid-19, em 2020. Dessa forma, a discussão perpassa pela produção da pauta até o produto pronto, passando pela edição e chegando até a exibição do conteúdo, bem como pela cooperação das fontes.

Entende-se por produção jornalística um processo de apuração e comunicação de fatos, juntando-se a esse processo, a circulação e o consumo de notícias, sendo o jornalista o profissional que está incluindo na categoria de mediador, a partir da interação e compartilhamento de informações entre os indivíduos. Nesse contexto, o telejornalismo, pode ser entendido como uma prática da sociedade moderna, que sofre influência das tecnologias da informação e da comunicação, ao mesmo tempo que exerce a construção social da realidade (MACEDO, 2016).

O telejornalismo, na visão de Charaudeau (2015), é aquele jornalismo praticado na televisão, trabalha com uma linguagem simples na coleta de eventos atuais, na redação, edição e publicação dessas informações, sempre adaptadas aos limites e possibilidades de recursos televisivos. Nesse contexto, a televisão cumpre um papel social de reconhecimento de fenômenos que se fazem visíveis. Além disso, Temer e Leite Júnior (2020) ressaltam que o telejornalismo é um elemento de articulação entre o indivíduo e o coletivo, o homem e suas necessidades para sobrevivência, a ação humana e seu significado social, e que realiza essa articulação fornecendo informações.

No cenário atual da práxis profissional, a produção telejornalística vem sendo afetada pela pandemia de Covid-19, que se instaurou no mundo todo entre o final do ano de 2019 e início do ano de 2020, chegando ao Brasil nos meados do mês de março de 2020. A Covid-19 é uma doença infecciosa, causada pelo vírus SARS-CoV-2, denominado popularmente de “novo coronavírus” que afeta, principalmente, o sistema respiratório (LIMA, 2020). E, por ter um alto nível/fator de virulência, foram tomadas medidas protetivas e preventivas desenvolvidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), com intuito de diminuir os riscos de contágio e aumento de casos na população mundial.

Nesse panorama, diversas atividades, entendidas como não essenciais, foram suspensas devido às medidas de isolamento/afastamento social adotadas para contornar o pico de transmissão do coronavírus no Brasil e em todos os países do mundo. No Amapá, logo que os primeiros casos começaram a ser confirmados na capital Macapá, a Prefeitura Municipal publicou o decreto 1.704 de 20 de março de 2020 que suspendeu as aulas presenciais, estabeleceu situação de emergência e proibiu a aglomeração de pessoas, inclusive com o fechamento do comércio (MACAPÁ, 2020). Nesse cenário, no ano em que a televisão brasileira completava 70 anos no ar, as emissoras de televisão tiveram que se adaptar à nova realidade, na qual o jornalismo precisaria incluir novos elementos na produção de conteúdos para continuar a informar a população.

Nesse contexto, as mídias sociais, entendidas como um grupo de aplicações que permite a troca e a criação de conteúdos pelo próprio usuário, possibilitaram ampliar as formas de participação e de interação entre os usuários, além de aumentar o potencial de organização, compartilhamento e publicação das informações durante a pandemia da Covid-19 (LIMA; PIRES, 2020). O uso de novas tecnologias como o *smatphone*, já é realidade em muitas áreas de trabalho no telejornalismo, conforme explicam Lima e Pires (2010).

A partir da situação pandêmica instalada no estado e da necessidade de continuação do trabalho dos telejornalistas, a problemática desta pesquisa se baseia no seguinte questionamento: como a equipe de jornalismo da TV Equinócio, emissora amapaense, filiada ao Grupo Record, produziu os conteúdos jornalísticos que foram exibidos nos telejornais durante o cenário mais crítico da pandemia do novo coronavírus em Macapá?

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi **analisar como a equipe de jornalismo da Tv Equinócio construiu os conteúdos que iam ao ar diariamente nos telejornais da casa, e em que condições eles realizaram este trabalho, e como se adaptaram ao novo momento**. Especificamente, buscou-se: **a) examinar como ocorreu a produção das pautas dos conteúdos exibidos nos telejornais da Tv Equinócio durante a crise do Coronavírus em Macapá; b) verificar como as entrevistas foram viabilizadas do início até a sua exibição nos telejornais da casa; e c) descrever como os repórteres da Tv Equinócio produziram suas reportagens no período da pandemia**.

O interesse pela investigação proposta se justifica pelo fato de o Amapá ter registrado até o dia 24 de junho de 2020, 26.919 casos confirmados do novo coronavírus, e 387 óbitos. Desses casos confirmados, 12.861 estavam concentrados na capital Macapá, onde fica a sede da emissora TV Equinócio. Com o avanço do vírus ficou mais difícil conseguir agendar entrevistas presenciais com as fontes, bem como expor a equipe ao risco de contrair a doença. Por este motivo, a diretoria da empresa decidiu gravar as entrevistas com o uso dos celulares das próprias fontes.

Partindo das experiências vivenciadas pelo próprio pesquisador, na emissora que é foco desta pesquisa, exercendo a função de produtor durante o período de 2018 a 2020, acredita-se que a pesquisa é fundamental para o entendimento e conhecimento dos desafios e dificuldades enfrentadas pelas equipes do telejornalismo amapaense durante o período de afastamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19, em especial, pela equipe de jornalismo da Tv Equinócio.

Para responder aos objetivos propostos, optou-se por realizar um estudo de caso com abordagem qualitativa, no qual foram realizadas entrevistas com repórteres, produtores e diretor de jornalismo da emissora, com apoio de um roteiro de entrevista contendo perguntas relativas ao problema pesquisado. As entrevistas ocorreram por meio da rede social *Whatsapp* entre os dias 21 de julho de 2020 a 6 de agosto de 2020. Antes das entrevistas, no dia 16 de julho de 2020, foi feita a observação do processo de construção das matérias desde a etapa de escolha da pauta até a entrevista com a fonte, dando base para a construção dos roteiros das entrevistas e pontos de análise.

O trabalho está dividido em três seções, além da introdução e considerações finais. Na primeira, se apresenta o referencial teórico, que dá ênfase a autores que fazem um apanhado histórico sobre o advento do jornalismo na televisão e a participação do repórter e da fonte na construção dos conteúdos jornalísticos, bem como aos processos que envolvem os fatos jornalísticos. A segunda seção traz os procedimentos metodológicos utilizados para alcançar o objetivo proposto e a descrição da área estudada. E, na terceira seção se apresenta a análise e discussão dos resultados alcançados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial bibliográfico desta pesquisa dá ênfase a autores que fazem um apanhado histórico sobre o telejornalismo no Brasil, bem como a participação do repórter e da fonte na construção dos conteúdos jornalísticos. Além disso, aborda o uso das novas tecnologias na produção de conteúdo jornalístico para a televisão, como o *smartphone*, elucidando as mudanças e adaptações do jornalismo na era digital e os seus fenômenos de propagação e interação do consumidor com a notícia.

Dessa forma, inicialmente, é feita uma breve contextualização da história do jornalismo, apresentando ideias e conceitos sobre a difusão da informação por meio televisivo, permeando pelo contexto telejornalístico brasileiro. Posteriormente, se apresenta o telejornalismo digital, com a indicação do uso de multimídias na produção e compartilhamento de informações. Dando continuidade, são apresentados os processos que envolvem a produção telejornalística, e por fim, se apresenta, brevemente, o cenário do telejornalismo em tempos de pandemia.

2.1 TELEJORNALISMO NO BRASIL

É amplamente conhecido que o jornalismo é uma atividade profissional que focaliza a apuração, o processamento e a transmissão periódica de informações sobre fatos da atualidade para um público específico ou em geral. É também entendido como a informação de fatos correntes, que são devidamente interpretados e transmitidos com periodicidade para a sociedade. Em ambos entendimentos, o jornalismo visa a difusão de conhecimento e orientação da opinião pública, no sentido de promover o bem comum (BELTRÃO, 1992).

Para Jorge (2012), o jornalismo se apresenta como uma atividade intelectual de produção de conhecimento, que tem como objetivo principal o fornecimento de informações atualizadas para a sociedade, sob a forma de notícias. Para a autora, não é fácil definir o jornalismo ou encontrar um consenso entre as definições existentes, entretanto, não é possível falar sobre ele sem falar de notícia ou vice-versa. Dessa forma, pode-se dizer que a notícia é um produto direto do jornalismo, e não há notícia sem fato. Sendo assim, um determinado acontecimento, quando relatado, se torna uma notícia.

Nesse contexto, Temer e Leite Junior (2020) explicam que o telejornalismo é aquele jornalismo que é praticado na televisão, essa especificidade do jornalismo trabalha com uma linguagem simples na coleta de eventos atuais, na redação, edição e publicação dessas informações, sempre adaptadas aos limites e possibilidades da televisão. E, assim, a televisão cumpre um papel social e psíquico de reconhecimento de si através de um mundo que se fez visível através da produção e compartilhamento de notícias.

Lage (2009) explica que a notícia pode ser entendida como um relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante, e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Nessa linha, Charaudeau (2015) ressalta que a notícia é um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático. E tem como caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado.

Nesse sentido, a produção da notícia faz um processo que é iniciado por um acontecimento, onde uma mensagem recebida se torna uma mensagem emitida. E, a determinação do acontecimento, as fontes, o trabalho jornalístico são elementos de um processo de produção institucionalizado. A mudança de alguns desses elementos traz como consequência a alteração do tipo de imprensa, dessa forma, esse processo é visto como uma representação social da realidade cotidiana, caso o processo de produção se altere, o resultado da representação será também alterado (ALSINA, 2009).

E dentro desse processo de representação social da realidade do cotidiano de uma sociedade, o jornalismo brasileiro ganha espaço na televisão. De acordo com Melo (2015), no dia 18 de setembro de 1950, entrou no ar o primeiro sinal de televisão no Brasil protagonizado pela TV Tupi. No dia seguinte, entre 21h30 e 22h, estreou o *Imagens do Dia*, primeiro telejornal brasileiro. Na apresentação, redação e produção estava o jornalista Rui Resende. Mas, segundo a autora, o jornal não ficou muito tempo no ar e foi substituído pelo *Repórter Esso*. Com o jargão: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”, o jornal ficou no ar por dezessete anos: de 1953 a 1970. Ainda, as vozes de Kalil Filho na Tupi de São Paulo e de Gontijo Teodoro, no Rio de Janeiro, fizeram com que o noticiário fosse “o de maior sucesso da televisão brasileira (MELO, 2015).

Outros jornais passaram a fazer parte da programação da televisão brasileira, como o *Edição Extra* - o primeiro telejornal vespertino da TV Tupi de São Paulo. Mais

jornais vieram em seguida, entres eles o Jornal de Vanguarda que passou pela Tupi, TV Globo, Continental e Rio antes de sair do ar por questões de censura em 1968. Naquele período, o Brasil vivia o regime militar. Em 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional estreava na TV Globo, primeiro telejornal transmitido em rede nacional. A inovação passou a fazer parte do telejornalismo brasileiro naquele ano porque foi quando os repórteres passaram a entrar ao vivo da rua mostrando as primeiras notícias do dia utilizando uma unidade portátil de jornalismo (MELO, 2015).

A televisão brasileira teve muitos obstáculos durante sua instalação no país, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. Na cidade fluminense, o sinal de TV só chegou quatro meses depois da inauguração do sinal da TV no Brasil. Fato curioso, foi o episódio que rendeu briga com os representantes da Igreja Católica local, que não queriam que a antena da emissora ocupasse o mesmo espaço que o Cristo Redentor e sim ficasse em outro lugar. A outra opção seria o monte Pão de Açúcar. A escolha, é claro, foi instalar o aparelho no Pão de Açúcar (CAJAZEIRA, 2020).

Os autores enumeram as fases da televisão brasileira em quatro: a elitista (1950-1964), a populista (1964–1975), a do desenvolvimento tecnológico (1975–1985) e a da transição e da expansão internacional (1985 – 1990). Cajazeira (2020) acrescenta a essas mais duas fases: a fase da televisão em convergência (2000) e a sexta fase, a da televisão multiplataforma (2010).

Dentro desse contexto, seguindo os preceitos da produção jornalística brasileira, percebe-se que o acontecimento jornalístico não é regular, pois foge à regra da normalidade. Nesse sentido, suas principais características são a imprevisibilidade, a excepcionalidade, a aparente falta de nexos entre os acontecimentos jornalísticos, que são perturbadores e inquietantes, uma vez que estão carregados de emoções, tensões e angústias de uma sociedade (MOTTA, 2006).

Sendo assim, o acontecimento jornalístico não é, portanto, um fato qualquer, pois se difere dos fatos comuns, aproximando a história ao indivíduo. E os meios de comunicação são essenciais para esse processo, visto que trazem o fato de maneira mais completa, sob diversos ângulos e pontos de vista. Com uma aproximação pouco provável sem a mediação, podendo se dizer que de fato, em diversas ocasiões, se não aparece na mídia, logo não existe para a população.

2.2 O TELEJORNALISMO NA ERA DIGITAL

Desde a década de 1990, vem ocorrendo mudanças significativas no modo de difundir e consumir a informação em todo mundo, e tudo isso se deve à chegada da internet, que inaugurou uma nova era no mundo da comunicação e por conseguinte no telejornalismo. As mudanças podem ser observadas com maior intensidade no processo da comunicação que deixou de ser vertical - que é quando um veículo transmite a informação para vários indivíduos - e passou a ser horizontal - quando os próprios indivíduos passam a ser a fonte da informação (MACEDO, 2016).

Os telejornais são os principais meios de informação para a maioria das pessoas no Brasil: “um país com elevadas taxas de analfabetismo, o telejornal é o principal – se não for o único – meio de informação para a maioria das pessoas (PEREIRA, 2008). No entanto, uma pesquisa realizada pelo Senado Federal e Câmara de Deputados, em 2019, mostrou que esse número pode ser menor em dias atuais. A pesquisa apontou que 79% dos brasileiros recebem informações pelo aplicativo WhatsApp e apenas 50% disseram que ainda recorrem à televisão para se informar, ou seja, a pesquisa mostrou que o número de pessoas que se informam por meio da televisão vem caindo enquanto que o número de pessoas que buscam informação por meio das novas mídias vem crescendo.

Entretanto, um ano depois da publicação desta pesquisa pelo Senado, durante a pandemia em 2020, a agência de notícias Reuters, em seu relatório Digital News Report 2020, mostrou que 67% das pessoas buscaram se informar pela televisão durante o primeiro ano pandêmico. Já a procura por notícias em mídias sociais no mesmo período foi de 87% e o dispositivo mais utilizado para essa busca por notícias foi o celular com 76% (ANDRADE; SAAR, 2021, p. 157).

Percebe-se que as duas pesquisas colocam a televisão ainda como um dos principais meios de informação, como disse Pereira (2008). A televisão tradicional teve que ser adaptada para os tempos modernos. Além do cabo da antena, hoje o aparelho vem com *Wi-Fi* (pontos de acesso à internet) e diversas entradas para os mais variados dispositivos existentes no mercado. Os programas de rádio têm *links* ao vivo direto de algum ponto da cidade e tudo isso graças à internet.

Martins (2012) apontou que o uso das novas tecnologias alteraria o modo de fazer televisão no mundo e, de fato, os profissionais da imprensa de dias atuais tiveram que se adaptar. Conforme afirmado por Pereira (2008), é cada vez mais

comum ver as mídias tradicionais ocupando novos espaços por meio da internet. adaptar aos novos meios e reforçar o que já faziam habitualmente nas redações mundo a fora: checar a informação.

Para Jenkins (2009), a união das mídias tradicionais e as mídias contemporâneas é chamada de Convergência, “onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. Desse modo, Martins (2012) reitera que as tecnologias digitais transformaram o modo de ver e de fazer televisão, possibilitando nos mais variados suportes, assisti-la por meio da internet ao celular, do som do carro ao GPS, entre outras mídias digitais, que podem ser classificadas como extensões de nós mesmos.

O fenômeno da difusão de determinado conteúdo em diferentes meios de mídia e a integração dele e o meio passou a receber atenção especial por diversos autores no início deste século, segundo Finger e Souza (2012). Para os autores, a transmídia ou narrativa transmidiática, apresentada por Henry Jenkins, se compara ao conceito de *crossmídia* utilizado no marketing e propaganda nos anos de 1990.

Na *crossmídia* há um processo de difusão de conteúdo em diversos meios (FINGER; SOUZA, 2012, p. 124), em linhas gerais, é quando, por exemplo, um livro se transforma em uma superprodução cinematográfica. Outro exemplo, acontece quando campanhas publicitárias utilizam a televisão, Internet, outdoor e revista de uma só vez, tudo isso sem perder o sentido e o objetivo.

Para Jenkins (2009), a narrativa transmidiática ou narrativa transmídia acontece de forma muito similar. Ele explica que uma história pode ser contada através de variadas plataformas de mídias de jeito diferente sem perder o sentido real. Para o autor, uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, onde cada texto novo contribui de maneira distinta e valiosa para o todo. De acordo com Ferrari (2008), na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor, para que uma história possa ser introduzida em um filme e expandida pela televisão, como romances e quadrinhos.

Finger e Souza (2012, p. 124) acrescentam que a narrativa transmídia é representada pela “integração de conteúdos e meios com o objetivo de evidenciar a colaboração do usuário. Ele (receptor) é o foco das atenções, como inventor de produtos e narrador de experiências”. Trata-se da expansão do produto que vai ser alterado e complementado por vídeos, fotos e textos pelos usuários, em diferentes

meios e suportes. Os dois termos explicam bem o que é vivenciado nesses últimos anos em que a tecnologia vem evoluindo. A interação do público com os meios vem se tornando algo natural e progressivo e a difusão dos conteúdos em diferentes plataformas de mídia toma proporção jamais vista.

O uso de novas tecnologias de informação (NTI) já é realidade em muitas áreas de trabalho, principalmente no jornalismo, como observado por Ribeiro (2005). Para o autor, os avanços tecnológicos experimentados por todos nos últimos anos, é um aspecto característico da sociedade moderna e vem ganhando corpo desde o fim do século XX. Os meios de comunicação definidos por *broadcasting* (rádio, TV e impressos) passaram por adaptações desde a explosão da internet na década de 1990. Tal fato, naturalmente, resultou em tomada de posições dentro desse novo sistema global. Esse 'êxodo', ou seja, essa caminhada para dentro deste espaço, é denominado por Jenkins (2009) como convergência. Uma dessas adaptações foi o uso do telefone celular como ferramenta tecnológica para produção e difusão de conteúdos antes, produzidos naquele velho espaço.

O aparelho, denominado como *smartphone*, além da função de realizar chamadas, oferece ainda: câmera de vídeo, gravador de áudio, aplicativos para edição de textos como *Word* portátil, entre outros. Essas funções substituíram as ferramentas iniciais que produziam os conteúdos jornalísticos em todas as redações como o gravador, o bloco de notas, a câmera fotográfica e, em algumas vezes, a câmera de vídeo. Nesses dispositivos integram-se funções multimidiáticas com capacidade de produção de texto, áudio, vídeo e foto e conexão com rede de dados para acesso remoto a internet (AZAMBUJA, 2010).

Hoje as notícias são mais instantâneas, e o factual ganhou mais notoriedade que nunca - e sua forma de propagação mais ainda - devido à utilização desses aparelhos quase sempre conectados à internet. O celular, antes desenvolvido para uma finalidade - a de ligar e receber ligação - foi se adaptando às necessidades dos usuários da rede (AZAMBUJA, 2010). Os aparelhos surgiram como uma determinada finalidade, mas os diferentes usos decorrentes das adaptações feitas pelos usuários transformaram esse uso de forma de forma rápida e drástica. Ele afirma ainda que, com a explosão no uso de novas tecnologias digitais, o computador, a internet e os dispositivos móveis proporcionam aos usuários, em diferentes lugares, busca, troca, produção e interação acerca das informações, por meio da rápida propagação (AZAMBUJA, 2010).

Vieira (2020) concorda que os *smartphones* passaram a atuar como um computador portátil que guarda toda a vida do usuário, desde senhas, compromissos, arquivos e tem capacidade de conectar pessoas por meio da internet. E esses usuários passaram a dominar essa tecnologia e a criar conteúdo através delas. Vídeos, fotos, música ou qualquer outro conteúdo digital podem ser produzidos por qualquer pessoa que assume o papel de produtor do que está vivendo e vendo, deixando de ser mera testemunha.

Entre as mudanças que o *smartphone* causou na criação de conteúdo para os telejornais, Vieira (2020) afirma que a participação do público enviando vídeos e fotos e a liberdade do repórter em gravar seus próprios vídeos e fazer imagens de um fato no local e na hora em que ele aconteceu, foram as mais pontuais delas. Esses aparelhos fazem parte do dia-a-dia de muitas pessoas ao ponto de parecerem extensões do corpo. McLuhan (1969) já chamava atenção para o fato de as mídias serem extensões do corpo humano de forma a ampliar a percepção da realidade ao redor.

Todas as ferramentas e tecnologias humanas, seja casa, chave inglesa ou roupa, alfabeto ou roda são extensões diretas de nosso corpo ou de nossos sentidos. Os computadores são extensões de nossos cérebros. Como extensões de nossos corpos, as ferramentas e tecnologias nos dão nova influência e nova intensidade de percepção e ação (MCLUHAN, 1969, p. 38).

Esses aparelhos já fazem parte do cotidiano das redações de televisão tão quanto dos jornalistas, nas produções diárias de conteúdo. Posto que a notícia é um produto socialmente elaborado e o jornalista um autor/produtor, a análise desse processo permite, uma compreensão maior do que realmente seja o jornalismo.

2.3 PROCESSOS QUE PERMEIAM O TELEJORNALISMO

O testemunho é um dos processos jornalísticos que abre um lugar de perguntas no qual se torna não apenas teoricamente útil para narrar uma experiência, como culturalmente significativa para uma investigação sobre o assunto que se pretende contar, ou seja, por meio desta ferramenta, a figura do repórter tem a oportunidade de explorar melhor o fato e assim pode dar mais clareza de detalhes ao assunto que pretende narrar. Testemunhar é “estar de frente de testemunhas de uma profusão ininterrupta de acontecimentos narrados” (LAGE, 2013, p. 73). O jornalista assume um papel de intermediador do sofrimento com o espectador, baseado na confiança

que o profissional tem com a fonte que, de forma voluntária, repassa as informações necessárias para a construção da matéria (LAGE, 2013).

Para Sontag (2003), ser espectador de calamidades é uma experiência moderna e essencial. No estudo, a autora narra o quão importante é o papel do jornalista como transmissor da informação e testemunha dos fatos, como os da Segunda Guerra Mundial. Para ela, foi de fundamental importância a participação dessas testemunhas oculares ante os conflitos, como a guerra civil americana (1861-1865) e a guerra civil espanhola (1936-1939) e, sobretudo, o testemunho das câmeras de tevês na atualização diária da guerra entre EUA e o Vietnã (1955-1975).

A presença do jornalista diante do sofrimento do outro, como testemunha dos fatos, é uma técnica para obter o máximo de pistas possíveis do acontecimento à sua frente. O testemunho que o jornalismo insiste em nos apresentar se torna um fenômeno provocante, problemático e problematizador do modo como experiências-limite são configuradas diante dos olhos dos espectadores por essas narrativas. Fazendo dos mesmos testemunhas de outros testemunhos, visto que o jornalismo é uma modalidade de testemunho e faz dos outros testemunhas submetidas aos regimes jornalísticos do ver e do contar (LAGE, 2013).

Cabe ao jornalista, como testemunha das grandes catástrofes - como é o caso a pandemia de Covid-19, não só testemunhar, mas organizar e dar sentido à narrativa do caos para que, então, a informação possa chegar ao que assiste. Essa proximidade é necessária e ela se faz possível com as equipes de telejornalismo no local dos fatos. Para envolver o telespectador, as equipes de reportagem devem contar suas histórias com proximidade, coloquialidade e familiaridade, o que é possível, entre outras coisas, com a presença das equipes nos locais dos fatos, com entrevistas face a face (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

O jornalista tem uma autonomia relativa para escolher o enfoque do que vai virar notícia, visto que esta é uma atividade altamente condicionada por vários fatores, como a pressão do tempo, a hierarquia, a competitividade e as ações dos agentes sociais ou poderes que o envolvem (AROSO, 2013). Portanto, observa-se que nunca foi tão importante o trabalho das equipes de telejornalismo, nesse momento de pandemia para informar a população.

A partir de um panorama crítico-analítico, diferentes aportes teóricos fundamentam o jornalismo como sendo uma atividade de produção de codificação da realidade, servindo como referência para orientar suas práticas. Existem diversos

conceitos que refletem sobre o jornalismo como atividade de mediação social, as transformações que esta dimensão vem sofrendo face às mutações pelas quais passa a noticiabilidade, permitem afirmar a própria identidade do jornalista. Dessa forma, entende-se que o jornalismo se concretiza através de trabalhos práticos que repercutem na produção jornalística local e regional (TRAQUINA, 2004).

De acordo com Zanotti (2010), não é de hoje que a audiência participa da construção de conteúdos nos meios de comunicação mundo a fora. Segundo ele, mesmo antes do advento da internet, os leitores participavam por meio de carta, telefonema e visita nas redações dos principais programas de rádio e televisão.

Não eram raras as denúncias, reclamações e sugestões de reportagem que chegavam aos jornalistas, que as filtravam e avaliavam a possibilidade de transformá-las em textos noticiosos, sendo eles os atores principais nas etapas de apuração e redação do que seria divulgado (ZANOTTI, 2010, p. 30). Já Aroso (2013) destaca que a participação do leitor não é uma invenção da Internet. Para a autora, o jornalismo colaborativo “é um fenômeno que, não sendo novo, ganhou novos contornos com a Internet e com a facilidade de acesso às ferramentas de produção, publicação, cooperação e partilha de informação” (AROSO, 2003, p. 2). De posse de um *smartphone*, o leitor que, eventualmente, pode se tornar uma fonte, passa a participar ativamente na produção do conteúdo jornalístico e se torna um colaborador, deixando de ser uma mera fonte de informação.

Os medias tradicionais têm trabalhado sem descanso nos últimos anos aliados às novas mídias. Todos os dias, nos telejornais exibidos em canais abertos, como Band, Globo, Record e SBT, é possível perceber a participação mais ativa da fonte na construção da matéria, atuando como o entrevistado e *cameraman*. Tornar essa participação mais ativa da fonte na construção da matéria, só foi possível devido à transformação no modo de comunicar.

Para Azambuja (2010), o uso dos telefones celulares, com tecnologia avançada como os *smartphones*, em matérias jornalísticas, tanto por parte dos repórteres e ou correspondentes e as fontes, tornaram possíveis algumas pautas, devido o aparato tecnológico embutido neles. Nestes dispositivos integram-se funções midiáticas com capacidade de produção e reprodução de textos, áudio, vídeo e foto, conexão com rede de dados para acesso remoto a internet, Global Positioning System (GPS), entre outras que contribuem com o processo (AZAMBUJA, 2010, p. 41).

Essa colaboração da fonte em gravar vídeos e enviá-los para as redações, observando, é claro, as técnicas de posicionamento e enquadramento, foi algo muito observado durante a cobertura dos telejornais no período da pandemia de Covid-19, como estudado por Thomé (2020). O autor descreveu como foi estabelecida a confiança com a fonte oficial durante a cobertura dos telejornais RJ1 e RJ2 da repetidora da TV Globo no Rio de Janeiro.

As fontes podem ser grupos, pessoas ou autoridades envolvidas em determinado evento de quem o jornalista obtém informação. Pessoas, organizações, grupos sociais ou referências, envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos, que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa. Sendo confiáveis, fidedigna ou duvidosas, de quem os jornalistas obtêm informação de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011).

O termo jornalismo cidadão ou colaborativo teve origem em 1999, quando a palavra *open source* apareceu pela primeira vez na revista Salon. De acordo com Ferrari (2008), desde essa época, muitos estudos foram desenvolvidos para analisar o potencial desse tipo de jornalismo, que se ancora fortemente nas possibilidades trazidas pela descentralização dos meios de comunicação. Portanto, pode-se dizer que a colaboração da fonte tem sido de fundamental importância para cobertura jornalística das mídias de comunicação em meio a acontecimentos mundiais, como a provocada pelo novo coronavírus em 2020.

2.4 O TELEJORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Durante período crítico da pandemia da Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendaram que se adotassem medidas de isolamento social. Nesse cenário, devido à responsabilidade de garantia de informação ao cidadão, o jornalismo foi uma das atividades consideradas essenciais, que deveria ser mantida em pleno funcionamento, enquanto outras atividades tiveram que paralisar a partir da força de decretos (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

No caso do telejornalismo, considerado neste estudo como sendo um serviço essencial ao cidadão e elemento crucial, que permite narrar e entender o cotidiano de uma sociedade, o trabalho continuou. Entretanto, as redações tiveram que se adaptar, e neste contexto, a opção pelo rodízio dos profissionais, presentes de forma física nas

redações, se apresentou como uma alternativa encontrada que permitiu evitar as aglomerações (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

Por outro lado, uma equipe pequena prejudica qualquer funcionamento de uma emissora, principalmente nos telejornais locais. E, em razão disso, com parte das equipes em *home office*, novas rotinas produtivas foram criadas para que o conteúdo telejornalístico não fosse prejudicado. Com isso, as redações dos telejornais tiveram que reinventar seus modos de trabalho para garantir a segurança de profissionais e mudar as rotinas profissionais. Dessa forma, o trabalho do jornalista em *home office* foi incorporado ao telejornalismo durante a pandemia do coronavírus, onde a forma de se entrevistar foi alterada, e o isolamento de diversos ramos de atividades também refletiu no conteúdo dos telejornais, que passaram a dar mais espaço para matérias e boletins de saúde, relacionadas aos casos de Covid-19 (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

No que diz respeito às informações, para Charaudeau (2015), o dispositivo que ajuda a construir o discurso das mídias resulta da articulação de diversos elementos físicos que estão relacionados com a produção. Nesse sentido, são as mídias que ajudam a moldar as mensagens veiculadas pelos telejornais, onde o dispositivo é um componente da comunicação, sem o qual não há interpretação possível das mensagens contidas nas informações.

Dessa maneira, o dispositivo compreende um ou vários tipos de materiais e se constitui como suporte com o auxílio da tecnologia. E, é justamente no material que se informa, toma corpo e se manifesta, de maneira codificada, a oralidade, a escrituralidade, a gestualidade, a iconicidade (CHARAUDEAU, 2015). Nesse contexto, durante os meses em que a Covid-19 se tornou parte do cotidiano dos países, boa parte das informações sobre a pandemia foram fornecidas pela imprensa. Desde então, os telejornais começam a se empenhar em oferecer esclarecimentos, dados e orientações sobre a doença (VARÃO; FERREIRA, 2020).

No caso do Brasil, o jornalismo assume um compromisso de fazer chegar à população o conhecimento de interesse público acerca da Covid-19, em meio a cenários políticos conturbados e desestabilizados no combate e enfrentamento da doença. Em razão da diminuição da transparência do Ministério da Saúde junto à sociedade, houve a iniciativa de se criar um consórcio de empresas jornalísticas para divulgar dados diários a respeito da Covid-19, visando sanar a falta de divulgação

sobre os números diários da pandemia pela página do ministério (VARÃO; FERREIRA, 2020).

No caso dos telejornais, é dessa interdependência que nasce a significação capaz de produzir, segundo Charaudeau (2015), a realidade, a ficção e a verdade. O efeito de realidade ocorre quando a televisão se ocupa em reportar os acontecimentos à medida que eles ocorrem, como a cobertura da pandemia e os dados sobre os números de casos. Já o efeito de ficção é obtido quando a TV faz a reconstituição de um determinado acontecimento, como, tentar explicar a forma como o coronavírus se propagou no mundo todo. E, o efeito de verdade ocorre quando a imagem de algo é representada como a imagem do coronavírus, que só é possível de ser vista em um microscópio (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

Dessa forma, surgem três desafios, o de visibilidade, onde as notícias são percebidas pelo telespectador de forma clara, precisa e direta; a inteligibilidade, na qual o telejornal deve apresentar uma linguagem acessível, e a de espetacularização, na qual o telejornalismo realiza uma encenação do real com o objetivo de provocar interesse e emoção (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020). Sendo assim, pode-se dizer que o propósito do telejornal se relaciona à característica do jornalismo que dá preferência pela atualidade, voltando-se para os acontecimentos do dia que viram notícia (CHARAUDEAU, 2015).

Entretanto, a pandemia do novo coronavírus obrigou o telejornalismo a rever conceitos e se reinventar, onde as rotinas produtivas tiveram que ser revistas e deixadas de lado diante do cenário de caos instaurado pelos índices altos de casos e mortes em decorrência da Covid-19. O distanciamento social se tornou uma medida universal, onde os cuidados com a saúde de jornalistas, das fontes e dos telespectadores, foram redobrados (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

Algumas práticas de telejornalismo durante a pandemia do coronavírus foram realizadas de casa, como, as reportagens, entrevistas com fontes por meio de videoconferência. Ou, quando repórteres e fontes ocupam o mesmo espaço, utilizam-se microfones diferentes e afastados por dois metros. Com isso, a cara do telejornal muda, tornando-se semelhante ao formato de conteúdos audiovisuais (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

Dentro desse cenário, Temer e Leite Junior (2020) apontam algumas problemáticas que surgiram no contexto telejornalístico, como, vídeos gravados pelo celular com enquadramentos ruins, iluminação inadequada e composição visual

pobre, que afeta a qualidade da imagem. De acordo com os autores, os telejornais foram prejudicados e se aproximaram de uma estética da web, na qual o amadorismo impera.

Explicam, ainda, que uma infinidade de produtores de conteúdo, que com uma ideia e uma câmera na mão, seja ela qual for, fazem produtos audiovisuais sobre os mais variados temas. Entretanto, para os autores, não chega a ser algo que prejudique a qualidade do jornalismo, visto que acaba por aproximar o jornalista do cidadão comum, passando informações importantes em um momento de pandemia e de muitas incertezas.

Entre as alterações nas rotinas produtivas que impactaram do produto final telejornalístico com a pandemia de Covid-19, Temer e Leite Junior (2020) destacam o uso da máscara por parte dos repórteres, o distanciamento das fontes nas entrevistas, que agora seguram o microfone, algo não recomendado pelos manuais. Para Silva et al. (2020) há ainda o desafio de oferecer informações rápidas a um público variado e abrangente, em meio à pandemia e com a circulação livre das chamadas “*fake news*”. Oferecer esclarecimentos de fontes confiáveis tem motivado os jornalistas a se reinventarem em tempos de isolamento e de mobilidade restrita.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação que foi proposta possui preceitos de pesquisa qualitativa, exploratória, e descritiva, visto que teve a finalidade de explorar e descrever o fenômeno investigado sem quaisquer interferências (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Para Ludke e André (1986), as pesquisas qualitativas buscam compreender o fato investigado, supondo-se um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente ou a situação investigada. Creswell (2007) concorda com essa colocação e assegura que esse caminho de pesquisa proporciona que o investigador veja com mais nitidez os detalhes dentro da pesquisa. Ludke e André (1986) apontam que um princípio básico para este tipo de abordagem é levar em consideração o tipo de contexto em que o objeto se encontra. Colocando o explorador mais próximo do problema investigado com o objetivo de torná-lo mais explícito (GIL, 2008).

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa pautou-se em um estudo de caso, pois o mesmo, de acordo com Gil (2010), permite, através da interpretação de dados, descrever e analisar os fenômenos envolvidos no meio em que estão inseridos. O estudo de caso, como método de pesquisa, é usado para contribuir com o conhecimento de fenômenos previamente estudados, permitindo o aprofundamento, equiparação, ou confrontação dos dados existentes em um contexto individual, grupal, organizacional, social e político mais específico. E, ainda, a utilização da abordagem qualitativa em estudos de casos é complementar para compreensão complexa dos fenômenos estudados, sendo essencial para dar qualidade aos resultados da pesquisa (YIN, 2010).

3.1 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para alcançar o objetivo proposto, buscou-se analisar como aconteceu a produção de matérias para os telejornais da TV Equinócio durante a pandemia da Covid-19. Dessa forma, dividiu-se a pesquisa em três etapas: 1) levantamento de informações através de pesquisa bibliográfica; 2) Realização de entrevistas com auxílio de um roteiro semiestruturado; e 3) Análise e discussões dos resultados alcançados através das etapas anteriores. Isso permitiu categorizar as informações de acordo com as análises dos resultados.

A etapa de levantamento bibliográfico forneceu subsídios teóricos para contextualizar o tema da pesquisa, bem como estruturar as etapas de entrevista e análise. Assim, foram consultados trabalhos disponíveis em sites e plataformas da internet, dando ênfase para autores que fazem um apanhado histórico sobre o advento do jornalismo na televisão, e a participação do repórter e da fonte na construção dos conteúdos jornalísticos, bem como aos processos que envolvem os fatos jornalísticos. Além disso, buscou-se trabalhos que abordam o uso das novas tecnologias na produção de conteúdo jornalístico para a televisão, como o *smartphone* e as mudanças e adaptações do telejornalismo na era digital, assim como os seus fenômenos de propagação e interação do consumidor com a notícia.

Para etapa das entrevistas, foi elaborado um roteiro semiestruturado tendo como base as informações coletadas durante o levantamento bibliográfico. Para Manzini (2004), esse tipo de técnica focaliza um assunto sobre o qual “confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Para o autor esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

May (2004) reforça essa ideia ao concluir que esse tipo de técnica tem caráter aberto, porque permite ao entrevistado falar livremente, mas sem fugir do tema central. Permite, ainda, que o entrevistador tenha mais espaço para sondar além das respostas e, assim, estabelecer um diálogo com o entrevistado. Ressalta ainda que as perguntas são normalmente especificadas, mas o entrevistador é livre para ir além das respostas, permitindo que o mesmo tenha mais espaço para sondar além das respostas e, assim, estabelecer um diálogo com o entrevistado.

Sendo assim, utilizou-se um roteiro de perguntas para cada grupo de entrevistados: pauteiros (produtores), repórteres e direção (Apêndice A, B e C). As perguntas elaboradas buscaram entender quais foram as principais mudanças dentro da redação e fora dela, em relação aos cuidados adotados pela direção da emissora com as equipes de rua e da produção de pauta. As entrevistas foram realizadas entre os dias 21 de julho de 2020 a 6 de agosto de 2020, e ocorreram por meio de vídeo chamada, utilizando a plataforma *WhatsApp*, e o áudio foi gravado em um *smartphone*, no formato mp3.

Todos os participantes da pesquisa foram informados sobre os objetivos e os riscos da participação neste estudo. Os entrevistados assinaram Termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), autorizando a utilização e publicação das informações por eles concedidas, resguardando a identidade dos entrevistados (Apêndice D). Os dados coletados foram analisados de forma agregada sem qualquer identificação dos participantes.

Outra técnica usada para entender como ocorreu o processo de construção de conteúdos na emissora, foi a observação participativa. Para Ludke (1986), nesse tipo de observação, o pesquisador revela ao grupo pesquisado, desde o início, o objetivo do estudo e tem acesso mais direto às informações, respeitados os limites da ética e em conformidade com o grupo alvo da pesquisa. Nessa posição, o pesquisador pode ter acesso as várias informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação ao grupo.

Optou-se por realizar esta técnica devido à necessidade de observar a redação da Tv e os bastidores do trabalho da equipe de rua, com intuito de entender como as pautas são conduzidas desde a sua concepção entre os pauteiros até a sua concepção por parte dos repórteres. Tal ato, foi possível devido a relação empregatícia que o pesquisador mantinha com a empresa, na época da pesquisa. Entretanto, a observação não foi usada na análise dos resultados, mas como uma ferramenta para o pesquisador construir os roteiros de entrevistas, que foram usados com os participantes da pesquisa.

Para etapa da análise dos resultados, se fez uso da técnica de conteúdo temático, descrita por Bardin (2011), que afirma que a análise de conteúdo trabalha a palavra, ou seja, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. A autora enfatiza que, quando bem utilizada, essa técnica permite entender a mensagem entre emissor e receptor pois, suas técnicas são vastas. Descreve a organização dessa análise em três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

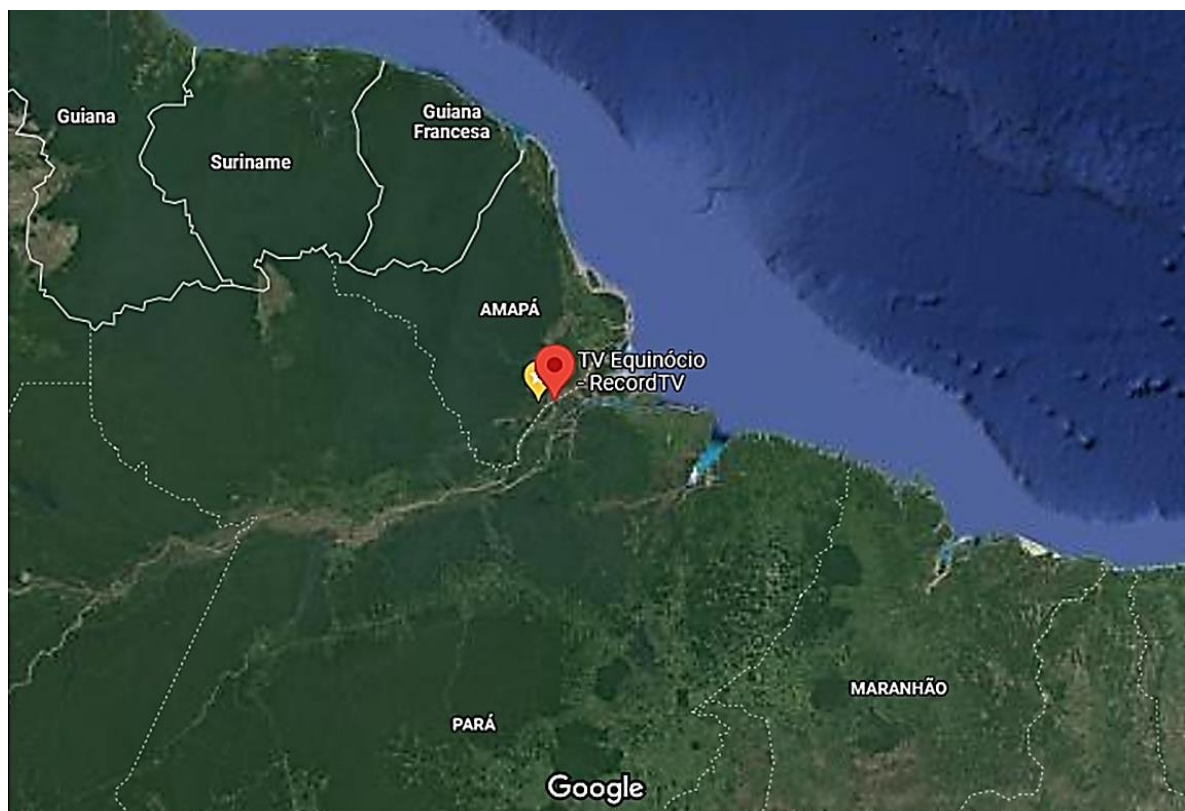
A autora explica que cada parte do processo deve ser respeitada, a saber que, a pré-análise é o início do processo, sendo que neste, o pesquisador faz a primeira avaliação do conteúdo. O segundo passo seria a exploração do material e o terceiro passo é o tratamento desse material, de onde se extrai a informação verdadeira para se chegar à interpretação desse resultado. Ressalta, ainda, a importância da categorização, sendo este não obrigatório para o estudo, mas necessário para entender de forma simplificada os dados brutos obtidos nas entrevistas.

Assim, foram analisadas as respostas de sete participantes: quatro repórteres, dois produtores (pauteiros) e o gerente de jornalismo da TV Equinócio. Desta análise surgiram três categorias, quatro subcategorias e nove dimensões, apresentadas na seção 4.

3.2 ÁREA DE ESTUDO

O estudo ocorreu no estado do Amapá, que está localizado ao Noroeste do Suriname, ao Norte da Guiana Francesa, ao Sudoeste do estado do Pará, ao Leste do Oceano Atlântico e ao Sudeste do sistema estuário do Rio Amazonas. Possui uma população estimada em 877. 613 habitantes distribuídos em 16 municípios e 28 distritos, sendo o município de Macapá, a capital do estado (IBGE, 2021). Nesse panorama, este estudo focalizou a repetidora do sinal da Record Tv no estado do Amapá, a TV Equinócio, localizada na cidade de Macapá.

Imagem 1 - Localização da área de estudo: objeto da pesquisa.



Fonte: Google Maps (2021).

A emissora alcança todos os municípios do estado, conta com oito equipes de reportagens, sendo oito cinegrafistas e oito repórteres, além das equipes externas. Conta também com três produtores, que exercem a função de pauteiros, responsáveis por garantir as pautas diárias para todas as equipes.

A TV Equinócio passou por várias transformações ao longo dos seus 21 anos de existência, mas esse não era o nome original da emissora. Em 2000, ano de seu nascimento, ela se chamava TV Marco Zero, mesmo ano que passou a transmitir o sinal da Rede Record. Em 2005, a emissora mudou novamente de nome e de proprietários, passando a se chamar TV Gazeta-Marco Zero. A mudança definitiva de nome aconteceu em 2012, quando passou, então, a ser chamada de TV Equinócio.

Foto 1 - Faixada da emissora Tv Equinócio.



Fonte: Silva, 2021.

As pautas são feitas por duas equipes de produção, que se revezam entre manhã e tarde. Os assuntos são, geralmente, extraídos de sites de notícias do Estado, mas, muitas delas chegam por meio dos telespectadores, que vão à redação e/ou as enviam por meio do aplicativo de conversa *WhatsApp*. Antes da pandemia, os

pauteiros recebiam os telespectadores na redação, mas com o advento da crise sanitária provocada pelo vírus da Covid-19, eles passaram a ficar do lado de fora da redação e a conversar com a equipe mantendo medidas de proteção, como o distanciamento e uso de máscaras.

A emissora contava, no período da pandemia, com três telejornais diários, o Balanço Geral Manhã, Balanço Geral Tarde e Cidade Alerta. Nesses programas, há entradas ao vivo dos repórteres direto da rua. Além dos programas diários, a emissora tem mais três programas na sua grade de programação, que vão ao ar aos sábados e domingos, o Agro Record, Esporte Record e Agenda Amapá, além da edição de sábado do Balanço Geral. De modo geral, esta pesquisa buscou entender como o jornalismo da TV Equinócio desenvolveu seu trabalho na produção de conteúdo em meio ao período pandêmico da Covid-19.

Foto 2 - Núcleo de jornalismo da Tv Equinócio.



Fonte: Silva, 2021.

Foto 3 - Redação do Núcleo de jornalismo da Tv Equinócio.



Fonte: Silva, 2021.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise dos resultados obtidos por intermédio das entrevistas semiestruturadas, chegou-se a três categorias, cinco subcategorias e nove dimensões (Quadro 1).

Quadro 1 - Categorias, subcategorias e dimensões oriundas da análise dos resultados.

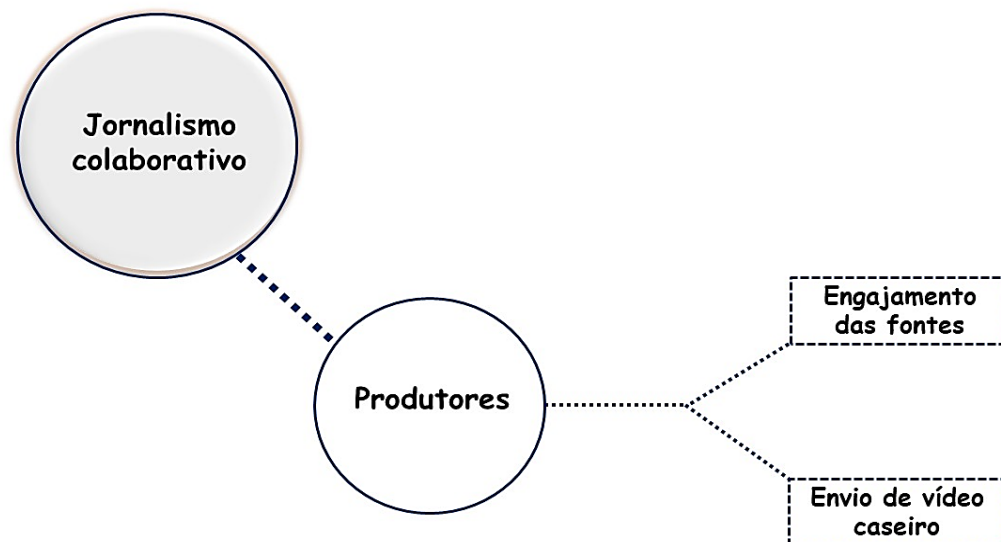
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DIMENSÕES
Jornalismo Colaborativo	Produtores	Engajamento da fonte; Envio de vídeos caseiros.
Rotina de Trabalho	Produtores	Trabalho em home office; Horário de trabalho mantido.
	Repórteres	Medidas de segurança; Distanciamento das fontes Uso de entrevistas com vídeos caseiros.
	Gerência de Jornalismo	Mudanças na jornada de trabalho; Medidas de segurança.
Tendência pós-pandemia	Uso de vídeos caseiros	–

Fonte: Silva, 2021.

4.1 JORNALISMO COLABORATIVO

Em entrevista com os participantes da pesquisa, chegou-se à categoria Jornalismo Colaborativo, que se divide na subcategoria de produtores, que está subdividida em duas dimensões: engajamento das fontes e envio de vídeo caseiro (Esquema 1). Essa categoria resultou da entrevista com os produtores, os quais expuseram em seus relatos como o trabalho mudou em relação às marcações de pautas e obtenção de dados para a matéria, para alimentar os repórteres com informações suficientes para construir suas matérias.

Esquema 1 - Categorias e dimensões do Jornalismo Colaborativo.



Fonte: Silva, 2021.

A partir dos resultados, observou-se que houve a participação de novos atores no processo de produção das matérias, a partir do processo de interatividade das fontes, que se mostraram solícitas à equipe de produção. A característica de colaboração remota da população local, a partir da gravação e envio de vídeos caseiros, deu aos telejornais da emissora pesquisada um teor de jornalismo digital colaborativo, complementando o jornalismo profissional.

4.1.1 Produtores de pauta

Esta subcategoria emergiu da categoria Jornalismo Colaborativo. Sabe-se que os produtores são responsáveis pela pauta, que é um elemento indispensável para a

execução de uma matéria, se apresenta como um roteiro para a reportagem. No caso do telejornalismo, as pautas podem acertadas logo no começo do dia, e ir ao ar, concretizadas em forma de reportagem, durante a programação.

A partir dos resultados, observou-se que a expertise dos profissionais responsáveis pelas pautas foi fundamental para dar continuidade ao desenvolvimento do trabalho na emissora pesquisada. Durante o período mais crítico da pandemia, houve uma movimentação mais atípica do que a habitual, com pouca ou inexpressiva ação da população que, até antes da crise, estava presente na redação da TV Equinócio diariamente para oferecer pautas.

Devido a essa problemática, os produtores precisaram ir em busca dessa fonte de informação, e descobriram um novo jeito de fazer jornalismo, gravar vídeos dos entrevistados, atendendo à necessidade do momento, já que as equipes de gravações externas estavam reduzidas e impedidas de se aproximar deles. Com isso, os pauteiros precisaram assumir posições diferentes e adquirir noção de captação de vídeo, para que assim pudessem repassar as instruções aos entrevistados. Todo esse movimento se deu em razão da manutenção diária da produção de matérias que iam ao ar nos telejornais da emissora.

Conforme o relato dos produtores entrevistados, o trabalho acontecia da seguinte forma: primeiro se realizava o contato com o entrevistado, para uma conversa prévia sobre o assunto que seria discutido na matéria; após esse primeiro contato, e ambas as partes concordarem quanto ao conteúdo, o pauteiro orientava o entrevistado quanto às técnicas que seriam utilizadas para a gravação dos vídeos, como, posição do celular, iluminação e tempo de gravação. Tal como se observa na fala dos produtores entrevistados:

Em Home Office, a gente solicitava vídeos para as pessoas. Mandava as perguntas, e falava como tinha que ser o enquadramento, o que tinha que falar, de forma sucinta. (P1, 2020, grifo do autor)

Antigamente, a gente fazia as entrevistas presenciais, ligava para o entrevistado, agendava a entrevista no local, hora e tudo mais. Com a pandemia, a gente teve que adotar outras medidas. Tivemos que usar vídeos chamadas, os vídeos selfs que eles (as fontes) gravavam e mandavam pra gente (P2, 2020, grifo do autor).

Nesse contexto, o ato jornalístico tradicional em meio digital, é explicado por Jorge (2013), onde a autora segue duas perspectivas, a primeira, que prioriza os insumos técnicos sobre os quais se estruturam e se elaboram processos, produtos e práticas. E a segunda se situa na linguagem apenas como um meio instrumental para

a atividade jornalística, colocando em primeiro plano, para tanto, a dimensão ética. Ou seja, o trabalho jornalístico é um fazer que se apoia, sobretudo, numa dimensão ética reflexiva. Através da qual a atividade técnica está subordinada às questões que destacam os limites e as potencialidades das práticas jornalísticas.

Complementando a ideia sobre a estrutura do jornalismo, Varão e Ferreira (2020) explicam que o maior patrimônio dos jornalistas e dos meios de comunicação é a credibilidade. Essa instância de confiabilidade está associada aos conceitos de verdade e de uma condição diferenciada, a de averiguação *in loco*, que confirma evidências de modo concreto.

Sendo assim, percebe-se, através da fala dos pesquisados, que o modo de operar nas entrevistas foi um dos processos que sofreram modificações durante a pandemia, onde o formato presencial, alterou-se para a modalidade de videochamadas. Mas, sem alterar o teor ético e colaborativo, visto que a produção das matérias ocorria de forma conjunta entre produtores e fontes, onde eram tratadas, remotamente, além de orientação, questões sobre permissões e veracidade dos fatos, dando credibilidade a emissora pesquisada.

4.1.1.1 Engajamento da fonte

A primeira dimensão que surgiu na subcategoria Produtores de Pauta diz respeito à fonte das informações. Observou-se, a partir das entrevistas com os produtores de pauta, que a colaboração das fontes para a concepção das matérias, também se apresenta com um fator fundamental para o processo de construção dos conteúdos que iam ao ar diariamente. Os produtores ressaltaram que todas (fontes) sempre foram muito solícitas em atender aos pedidos de entrevista e à ação de gravar os vídeos, seguiam suas orientações, conforme mostra a fala dos entrevistados:

Sim, sem eles não seria possível fazer o trabalho. Eles foram fundamentais nessa construção. Eles seguiam nossas instruções direitinho e mandavam do jeito que a gente pedia. É claro que nem sempre saia como a gente queria, mas essa participação deles foi muito importante (P1, 2020, grifos do autor).

A gente tinha que descrever o que a gente queria e como a gente queria. O tempo direitinho, o horário. Se queríamos o vídeo na horizontal ou vertical [...] aí, mandávamos as perguntas para os entrevistados (P2, 2020, grifos do autor).

Percebe-se, pela fala dos entrevistados, que a colaboração da fonte no processo de construção dos conteúdos que iam ao ar, foi considerada de fundamental importância para os produtores, apesar dos impasses, como solicitar os vídeos de acordo com especificações, e alguns não obedeciam e enviavam em formato inadequado.

As práticas jornalísticas online e a constituição de novos espaços de apuração, redação e circulação de conteúdos jornalísticos, incluem novos atores dos processos jornalísticos: jornalismo cidadão, jornalismo colaborativo, jornalismo em redes sociais, entre outros. No que diz respeito às práticas jornalísticas com celulares, estas fomentam a análise de produtos jornalísticos digitais, assim como a experimentação e a confecção de práticas e produtos que promovam sinergia entre jornalismo e tecnologias digitais (MENDES, 2014).

Dessa forma, conforme os resultados, pode-se inferir que a escolha das fontes obedeceu aos parâmetros determinados por Schmitz (2011) nos quais, as fontes devem estar ligadas direta ou indiretamente aos fatos ou eventos. Amaral (2015) ressalta que a postura desses atores no momento da construção da informação deve ser de forma proativa, ativa, passiva ou reativa.

Sendo confiáveis, fidedigna ou duvidosas de quem os jornalistas obtêm informação de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público por meio de uma mídia. Portanto, foi crucial a participação ativa da fonte no momento da construção das matérias, sendo assim, essas fontes deixaram de ser atores passivos para coadjuvantes na construção dos conteúdos que foram ao ar nos telejornais da emissora no período da pesquisa.

4.1.1.2 Envio de vídeos caseiros

A segunda dimensão que emergiu da subcategoria Produtores de Pauta diz respeito ao envio de informações através de vídeos caseiros. Nela, constata-se a forma pela qual as fontes enviavam os vídeos feitos a pedido do produtor. Isso reforça a participação ativa do entrevistado, como já exposto anteriormente. Ressalta-se que essa maior participação só foi possível devido à evolução tecnológica e ao aparelho de comunicação mais usado hoje nas redações mundo a fora: os *smartphones*, aparelhos que têm várias funções, conforme explica Azambuja (2010).

De acordo com os produtores, depois de gravados os vídeos, as fontes os enviavam através de e-mail ou aplicativo de conversa (WhatsApp). Com o material em mãos, os produtores salvavam esses vídeos em uma pasta no sistema da emissora e os nomeavam de acordo com a retransmissão da matéria. Em seguida, eram direcionados para as mãos do repórter que, posteriormente, os enviava à edição já com o texto contendo os *offs* (locução dos repórteres) e passagens (gravação/participação do repórter na reportagem).

Por outro lado, no que diz respeito ao uso dos vídeos e sua eficácia no momento de usá-los nas matérias, as opiniões são diferentes entre entrevistados. De um lado se apresentam opiniões e críticas que apontam problemas para essa modalidade de matéria, como, a falta de concordância entre as respostas dos entrevistados, tal como mostra a fala de um dos entrevistados:

A gente mandava as perguntas, falava como tinha que ser o enquadramento, o que ela (a fonte) tinha que falar porém, quando o vídeo chegava era totalmente diferente do que se queria para passar para o nosso público. É bem complicado porque quando você usa o vídeo selfie, enviado pelo entrevistado pra construir o material, é bem trabalhoso; quando você está fisicamente olhando pra uma pessoa, você sabe se ela está sendo verdadeira. Você está ali na frente dela, você pode perguntar o que você acha que será interessante para o material. Já no vídeo selfie, não; mesmo passando o direcionamento, a pessoa responde o que quer. Então, não é um material correto. Eu vejo assim dessa forma, porque frente a frente, a gente consegue indagar tudo o que quer (P1, 2020, grifo do autor).

Como pode ser percebido na fala do P1, alguns vídeos chegavam com informações diferentes das que os produtores acreditavam serem essenciais para a construção do conteúdo requerido. Outra problemática apontada pelos entrevistados, é a falta de contato visual com a fonte, na hora em que ela respondia à pergunta, não era suficiente ou não fechava a ideia como planejada, fato que não ocorreria, na visão dos entrevistados, se o repórter estivesse presente.

Em outra perspectiva, outro produtor acredita que a utilização de vídeos gravados pelas fontes foi útil e supriu as necessidades para a construção das matérias que foram pautadas. Para ele, as perguntas eram respondidas a contento e não desvirtuavam o assunto da pauta original. Além disso, foi apontado positivamente quanto a usar a técnica para pautas futuras, conforme mostra a fala do entrevistado:

A gente fazia o roteiro, mandava as perguntas e direcionava o entrevistado para aquilo queríamos naquele determinado assunto. Na violência contra a mulher, por exemplo, a gente orientava qual o ponto

queria, mandava as perguntas e o tempo para resposta. Então conseguimos informar o telespectador utilizando a ferramenta do vídeo selfie (P2, 2020, grifo do autor).

Foi apontado ainda pelos entrevistados, como sendo uma vantagem do uso dos vídeos, a possibilidade de se entrevistar pessoas de outros municípios, como, autoridades policiais e políticos, suprimindo a necessidade de entrevistas presenciais. Explicam ainda, que já utilizaram a técnica algumas vezes, mas que, depois da pandemia, se tornou comum na redação da emissora. Essa afirmativa pode ser observada na fala abaixo:

Tem locais, por exemplo, interiores do Estado, que a gente tem acesso à polícia civil, militar, mas não conseguimos ir até lá. Usando essa ferramenta, conseguimos trazer a notícia ao telespectador utilizando vídeos chamadas, os vídeos selfie. Eu achei muito legal utilizar essas ferramentas (P2, 2020).

Percebe-se, pela fala dos entrevistados sobre o uso de vídeos fornecidos pelas fontes, opiniões contraditórias, entretanto, ambos acreditam que esse recurso possibilitou a continuidade do trabalho jornalístico.

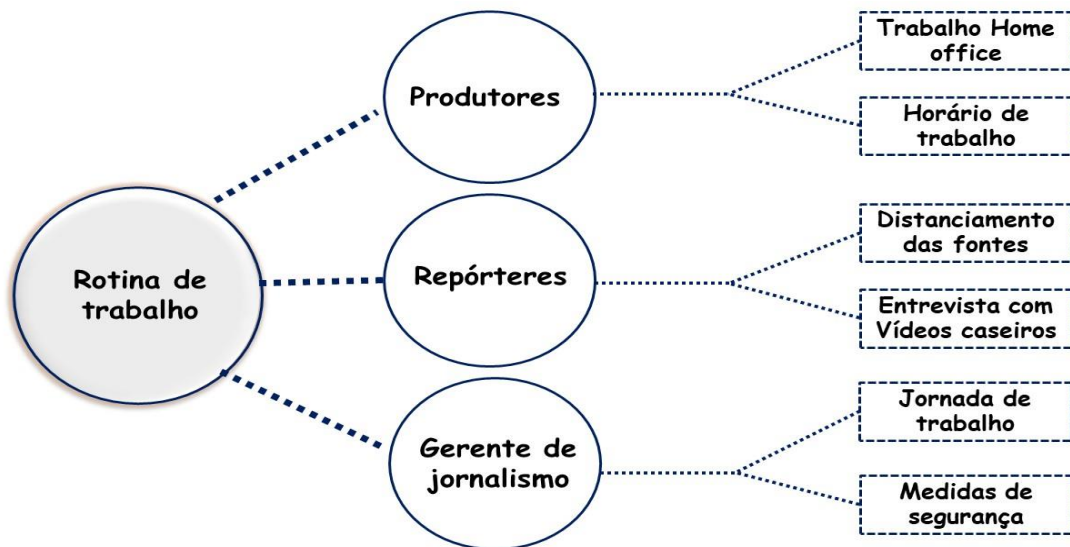
Nesse contexto, o produtor telejornalístico é, segundo Barbeiro (2002), aquele que coordena a preparação do telejornal dentro e fora do estúdio, sendo o possuidor das fontes de informação, quem marca as pautas. Zanotti (2010) complementa a ideia, ao explicar que a participação da audiência na produção dos conteúdos jornalísticos é fundamental para o seu desenvolvimento. Dessa forma, as denúncias, reclamações e sugestões de reportagens que chegam à redação dos telejornais, devem ser consideradas, e os responsáveis pela transmissão, devem buscar constantemente meios adequados para promover o compartilhamento dessas informações.

4.2. ROTINA DE TRABALHO

A segunda categoria apreendida através da fala dos entrevistados diz respeito à rotina de trabalho durante a pandemia da Covid-19. O relato dos entrevistados foi dividido de acordo com a subcategoria dos entrevistados: produtor, repórteres, e gerente de jornalismo, o que gerou seis dimensões (Esquema 2). Na subcategoria Produtores, têm-se as dimensões trabalho em home office e horário de trabalho mantido. Na de repórteres, se apresentam as dimensões medidas de segurança, distanciamento das fontes com uso de dois microfones como medida de segurança, e

uso de entrevistas com vídeos caseiros. E na gerência de jornalismo, apontam-se as dimensões mudança na jornada de trabalho e medidas de segurança.

Esquema 2 - Categorias e dimensões da Rotina de trabalho.



Fonte: Silva, 2021.

As mudanças impostas pela pandemia da Covid-19 criaram ambientes hostis que influenciaram no desenvolvimento das atividades de profissionais de diversos setores, visto que foi necessário modificar o ambiente de trabalho para dar continuidade ao exercício de suas funções. A partir dos relatos dos entrevistados, percebe-se que as principais dificuldades enfrentadas pelos mesmos, se relacionam as adaptações que foram feitas em suas rotinas de trabalho.

De acordo com os resultados, os produtores de pauta foram os únicos que realizarem seus trabalhos longe da emissora pesquisada. Já os repórteres, continuaram a desenvolver suas atividades de modo presencial, entretanto, de modo escalado. O gerente de jornalismo, responsável por elaborar as estratégias de trabalho dos demais profissionais, se remeteu às orientações previstas nos decretos que foram instituídos pela prefeitura de Macapá e Governo do Amapá.

4.2.1 Produtores de pauta

O relato dos produtores de pauta deu origem a dimensão “trabalho em home office”, termo que se remete a escritório em casa. A modalidade de trabalhar remotamente foi bastante utilizada por diversas empresas no estado do Amapá, durante o período de distanciamento social. O desafio maior desse tipo de trabalho é adaptar a rotina profissional com a da casa, dessa forma, a dimensão “horário de trabalho mantido” também emergiu durante a análise.

4.2.1.1 Trabalho Home office

Por medida de segurança, a emissora pesquisada decidiu que produtores de pauta deveriam realizar o trabalho formato home office a partir de março de 2020, mês em que foi confirmado o primeiro caso de Covid-19 no Amapá. Esses profissionais voltaram a trabalhar no formato presencial apenas no mês de julho do mesmo ano, de forma gradual.

Com base nos relatos desses profissionais, esse formato de trabalho foi bastante dificultoso, sendo a falta de convivência com os colegas de profissão, o principal fator apontado por eles. Geralmente, a pauta é discutida entre o repórter responsável pela divulgação da matéria em conjunto com seus editores. Essa conversa entre ambos é de suma importância, pois ajuda no enriquecimento da pauta. De acordo com os entrevistados, a presença dos demais profissionais era fundamental para o fechamento da ideia durante a condução da pauta, conforme mostram as falas abaixo:

Na redação, a gente consegue discutir entre os colegas o que será pauta e o que será interessante à população saber. Já em home office, a gente não consegue ter esse contato, ter essa conversa, não consegue também alinhar o que de fato será produzido. (P1, 2020, grifos do autor).

Ah, é bem diferente porque, na Tv, a gente consegue ser mais dinâmico né, porque a gente está ali tendo acesso às pessoas, aos colegas e a gente consegue discutir as pautas, os assuntos. Em home office não, a gente está só, a gente tem que ser mais ativo pra poder conseguir assunto, conseguir entrevista. A gente não podia ir até a emissora pra não ter acesso a outras pessoas. A emissora teve que adotar essa medida pra segurança dos funcionários. (P2, 2020, grifos do autor).

Observa-se que nessa dimensão a falta de interação e dinamismo entre os produtores se apresentam como principais fatores que impactaram de forma negativa no desenvolvimento das atividades relacionadas à construção das pautas. A falta de contato com os colegas dificultava o fechamento de uma ideia. Nesse contexto, para os produtores entrevistados o formato home office foi o fator mais dificultoso para a produção de pautas durante o período de afastamento social.

Lima e Pires (2020) explicam que a produção jornalística e o perfil socioprofissional dos jornalistas têm passado por transformações que marcaram as diversas fases do jornalismo. E, com a pandemia do novo Coronavírus, tendo como ação imediata o isolamento social, houve necessidade da busca de novas formas de realizar as atividades jornalísticas, como por meio do trabalho remoto ou Teletrabalho.

Ainda para os autores supracitados, essas alterações na produção jornalística, provocadas por esse novo cenário de crise, têm impactado na readequação das estruturas de trabalho e surgimento de arranjos alternativos, que propõem novas formas de coberturas e apuração da notícia, com base em modelos de produção colaborativa. Nesse contexto, o jornalista da redação, passou a desempenhar os trabalhos em casa, com atribuições do chamado 'jornalismo *home office*.

4.2.1.1 Horário de trabalho mantido

Em relação à dimensão horário de trabalho, notou-se, através dos resultados, que os horários dos produtores de pauta foram mantidos, não sofreram modificações. Observou-se que esses profissionais conseguiram continuar com o cumprimento das seis horas de trabalho por dia. Percebeu-se ainda durante a pesquisa que, para monitorar o trabalho remoto dos produtores, a direção de jornalismo criou um grupo no aplicativo de conversa WhatsApp, estando presentes, além do diretor, produtores e repórteres da emissora, onde as sugestões de pauta dos produtores eram discutidas e aprovadas ou não.

Lima e Pires (2020) explicam que com as medidas mais rigorosas de isolamento social, e necessidade do uso dos recursos tecnológicos, os jornalistas tiveram que se adaptar ao de trabalho online. Como reuniões, apuração da notícia, contato com as fontes, produção de textos e entre outros, através de dispositivos móveis com uso redes sociais, tal como mostram os resultados.

4.2.2 Repórteres

Após a definição da pauta, quem ocupa o cenário são os repórteres, que saem em direção à concretização da pauta com a equipe de reportagem, que dá o suporte para a publicação das notícias. As mudanças nas estratégias de contato com as fontes, a interação com profissionais colaboradores, o recebimento de demandas, a necessidade de reportar as informações essenciais sobre a pandemia da Covid-19, junto aos cuidados para prevenir a doença, com uma cobertura mais abrangente e responsável, marcaram um novo momento na vida profissional dos jornalistas amapaenses que fazem a cobertura jornalística diária nessa pandemia (LIMA; PIRES, 2020).

Pode-se assim enfatizar que o trabalho dos repórteres foi tão importante quanto o dos profissionais da saúde, devido à tamanha necessidade de informar os telespectadores sobre questões relacionadas à crise sanitária vivenciada pelos amapaenses. De acordo com site Painel Coronavírus2, alimentado todos os dias pelo Governo do Estado do Amapá, de março até agosto de 2020 já haviam sido registrados 42 mil casos confirmados e 660 óbitos no estado. Nesse contexto, os repórteres não trabalharam na modalidade home office, eles entraram em modalidade de alternância nos dias de trabalho.

Tal fato remete ao que disse Lage (2013) quanto à presença do repórter onde o fato está ocorrendo, este assume não só o papel de informar, mas o de testemunhar, estando de frente às testemunhas de uma profusão ininterrupta de acontecimentos narrados. Dessa forma, para descrever como foi a rotina de trabalho desses profissionais no período pesquisado, analisou-se os relatos dos repórteres entrevistados, que aqui, serão identificados da seguinte maneira: Repórter 1, Repórter 2, Repórter 3 e Repórter 4. A partir dos depoimentos desses repórteres, surgiram as seguintes dimensões, apresentadas a partir de agora.

4.2.2.1 Medidas de segurança

No que diz respeito às medidas de segurança, para o Repórter 2, no início foi difícil acreditar que a doença atravessaria o oceano e chegaria até o extremo norte do Brasil. De acordo com seu relato, foi necessário perceber a gravidade do assunto para,

então, começar com a proteção pela própria vida e da dos entrevistados. E, para que assim fosse garantida a informação aos espectadores:

Quando a gente realmente viu que era uma coisa bem real e que estava atingindo pessoas perto da gente, a gente começou a se resguardar e resguardar o entrevistado buscando alternativas para continuar levando informação para quem está em casa, pra quem assiste ao jornal. Porque eu percebi também que o jornalismo foi uma das profissões que não parou. (R 2, 2020).

Já o Repórter 3 afirmou que as medidas de segurança foram necessárias para que o trabalho de informar não parasse. Ele reforçou que o cuidado com eles e com as fontes foi fundamental para o andamento do trabalho. E, essa mudança impôs novas rotinas de trabalho e forçou uma adaptação para que continuassem a informar a população, tal como mostra o seu relato:

Sim, houve mudança porque a gente precisou se adaptar a essa nova rotina, nova metodologia de trabalho. Por conta dos riscos, a gente acabou tendo que nos adaptar, por meio de outros mecanismos para que a gente pudesse fazer a construção das matérias, evitando ir em alguns locais que ofereciam risco para a equipe em relação à doença. (R3, 2020).

Portanto pode-se afirmar que, mesmo tendo gerado outras rotinas de trabalho, as medidas de segurança foram importantes para garantir não só a presença dos repórteres nas ruas, mas também as matérias que iam ar diariamente, no período pesquisado. Em consonância, Charaudeau (2015) ressalta que sem forma não há conteúdo, e sem suporte não há mensagem, dessa forma, afirma que a construção do discurso presente nas matérias jornalísticas resulta da articulação de diversos elementos físicos que se relacionam com a produção, e que ajudam a moldar as matérias que são veiculadas na mídia.

4.2.2.2 Distanciamento das fontes

No que diz respeito a dimensão distanciamento da fonte, esta estratégia foi adotada como medida de segurança, sendo unânime, entre os entrevistados, permitindo apontar como sendo a principal, o distanciamento das fontes. Entretanto, observou-se que quando era necessária a entrevista in loco, os repórteres faziam o uso de máscaras e de dois microfones, um para o entrevistado e outro para o repórter.

Nesse contexto, Oliveira (2020) explica que a pandemia do novo coronavírus obrigou o telejornalismo a rever seus conceitos e se reinventar. As rotinas produtivas

tiveram que ser revistas e deixadas de lado diante um cenário de caos, em que o distanciamento social se tornou uma regra universal e que os cuidados sanitários tanto de jornalistas quanto das fontes e dos telespectadores, mereciam uma atenção redobrada.

Por outro lado, conforme o relato do Repórter 1, mesmo com todo esse aparato de distanciamento entre a fonte e o repórter, junto ao uso de máscara, não foi possível se proteger da doença, visto que ele e o cinegrafista acabaram sendo infectados pelo vírus causador da Covid-19, conforme mostra o seu relato:

Logo no início, a gente tentou também, mesmo sabendo de toda a dificuldade, ter acesso ao entrevistado utilizando os métodos de segurança, mas não foi tão eficaz assim porque nós fomos contaminados, eu e meu cinegrafista” (R1, 2021).

Percebe-se que a estratégia de afastamento entre repórter e fonte, como medida de proteção à saúde de ambas as partes, não alcançou seu objetivo por completo, em virtude de fatores externos. Naquele momento, a OMS e o Ministério da Saúde indicaram o isolamento social como principal medida de contenção dos vírus, entretanto, observou-se um movimento contrário.

No início, boa parte da população foi resistente a essa medida, colocou em riscos à vida de milhares de pessoas, principalmente, as que trabalhavam em serviços entendidos como essenciais, como, os jornalistas. Conforme explicado por Oliveira (2020), a resistência de uma parcela da população brasileira ao atendimento das recomendações sanitárias, partiu do desencontro de ideias e posições políticas. Aumentando o caos na estrutura dos sistemas de saúde brasileiros, que já eram precários.

Isso refletiu no esgotamento de leitos hospitalares, falta de insumos, como respirados, máscaras e outros equipamentos de proteção individual (OLIVEIRA, 2020). Nesse momento, o sistema de saúde brasileiro viveu o seu pior momento, com aumento descontrolado dos números de casos, ausência de estrutura adequada para o socorro da população, e conseqüentemente, a morte de milhares de pessoas, inclusive, a de profissionais do jornalismo de rua, que buscavam constantemente manter a população informada.

4.2.2.3 Entrevistas com vídeos caseiros

Entre as mudanças, a que teve maior expressão entre os repórteres entrevistados, foi o uso dos vídeos selfie que as fontes gravavam em suas casas para compor as matérias que iam ao ar nos telejornais da emissora. O motivo principal para o uso desses vídeos foi assegurar a integridade física dos profissionais e das fontes. Para fazer uma boa reportagem, os entrevistados precisam estar cientes do assunto ao qual os repórteres estão tratando, dessa forma, antes da gravação, o repórter sempre conversa com seu entrevistado, explicando os motivos da matéria.

Conforme mostra o relato do Repórter 4, a mudança mais latente foi a falta de contato com a fonte em determinados momentos do trabalho, onde houve a necessidade da utilização de novas técnicas para apurar os fatos, como o uso dos vídeos enviados pelas fontes:

Durante a pandemia, a gente teve que ter um contato menor com os entrevistados, então houve uma mudança no sentido desse contato com as pessoas que tínhamos que gravar. Tivemos que usar equipamentos de proteção individual e tomar muito cuidado no momento da externa pra não ter contato com ninguém” (R4, 2020, grifos do autor).

Antes que os vídeos chegassem às mãos dos repórteres, eles passavam por toda uma dinâmica até a edição, como explicou o Repórter 1, após o recebimento dos vídeos, primeiro, eles assistiam para ter o conhecimento do conteúdo e pra saber se concordavam com o que a pauta pedia. Posteriormente, o repórter se deslocava para um lugar aberto e isolado para a gravação da matéria, por exemplo, uma esquina de uma avenida ou dentro da própria emissora. E ainda, quando necessário, se deslocavam até a fonte para verificar a veracidade dos fatos, conforme exposto em seu relato:

Olha, hoje, a gente conversou com o médico fulano de tal sobre as medidas de segurança dentro dos hospitais. E aí, a gente colava as sonoras que a gente já tinha assistido (R1, 2020).

Mas, apesar de estar sendo uma ferramenta muito útil durante a pandemia, o uso de vídeo caseiro dividiu opiniões entre os repórteres. Para os repórteres 1, 2 e 3, as informações enviadas pelas fontes nos vídeos não eram suficientes para suprir as dúvidas que iam surgindo no decorrer da execução das matérias. Para eles, estar em contato com as fontes, de forma presencial, fez muita falta.

Conforme explica o repórter 3, os vídeos não eram suficientes, sem a orientação dos repórteres, as fontes acabavam se limitando, até por conta de eles não possuírem o hábito de gravar vídeos passando informação. Geralmente, eles são

acostumados com que o repórter faça as perguntas, como uma forma de direcioná-los ao que eles devem falar:

O repórter está ali direcionando para o que ele precisar na matéria e, às vezes, o entrevistado mandando o vídeo não sabe a necessidade. Então, ele se limitava no básico da informação, o que para gente não era suficiente. (R3, 2020, grifos do autor)

Por outro lado, o Repórter 4 explica que usou o que tinha em mãos para montar sua matéria e em nenhum momento teve problemas em usar as informações que as fontes enviavam. Disse ainda que esta modalidade se iguala ao que eles já usam no dia a dia, que consiste em: abrir o vídeo gravado ao lado do entrevistado, fazer uma fala inicial e, em seguida, entrevistar a fonte e, logo depois, finalizar dando as últimas informações. Este estilo de reportagem eles chamam de “VT”, conforme mostra a sua fala:

Sim, antes a gente fazia stand up ou um VT padrão também, mas aí, a gente teve que fazer um de modo diferente. Tivemos que respeitar o isolamento social do entrevistado e respeitar a saúde de todos também, e nos adaptar à situação. (R4, 2020, grifo do autor).

Pires e Lima (2020) explicam que nesse cenário de pandemia, o jornalismo conta com um novo formato de produção, consumo e relações de comunicação. As inovações e convergências tecnológicas, além da crise nas empresas jornalísticas (econômicas, estruturais e mercadológicas) são os principais fatores que reformularam os processos de criação, apresentação e reprodução de notícia. Modelos jornalísticos, que antes eram essenciais para a criação de conteúdo, nesse novo cenário são secundários ou dispensáveis.

Em decorrência dessas mudanças, os jornalistas sofreram algumas transformações que geraram novas rotinas produtivas, exigências multiprofissionais e novas formas de criar conteúdo. O que influenciou, de forma direta, nas mudanças do perfil socioprofissional dos jornalistas (LIMA; PIRES, 2020). A partir da fala dos entrevistados, foi possível esquematizar o fluxo da dinâmica desempenhada para a construção das matérias com o uso de vídeos caseiro (Fluxograma 1).

Fluxograma 1 - Dinâmica desenvolvida pelos jornalistas para a construção das matérias com uso de vídeos caseiros durante a pandemia da Covid-19.



Fonte: Silva, 2021.

4.2.3 Gerência de jornalismo

Em meio ao caos sanitário provocado pela pandemia do coronavírus, os profissionais da imprensa se viram tendo que adaptar-se a uma nova realidade do fazer jornalismo. Sendo o diretor de jornalismo, o responsável pela coordenação de todas as etapas da produção e edição, observou-se que este desenvolveu e aplicou estratégias para atender às regras sanitárias estabelecidas pelas autoridades por meio de decretos estaduais e municipais. Conforme o relato do diretor de jornalismo, o foco principal das ações da emissora pesquisada, foi de resguardar a vida dos profissionais e das fontes, sendo que as principais se voltaram para a mudança na jornada de trabalho através de medidas de segurança.

4.2.3.1 Mudanças na jornada de trabalho

No que diz respeito à dimensão mudança na jornada de trabalho, de acordo com a direção da emissora, esta ocorreu primeiro na rotina dos jornalistas que lidavam

com a produção das pautas. Os mesmos foram mandados para casa e receberam a tarefa de executar o trabalho de lá, como relatou o Diretor:

Como aquilo se transformou em realidade e o risco se tornou iminente para nossas equipes, nós começamos automaticamente a trabalhar um sistema de trabalho em home office. Com o pessoal de externa, nós fizemos um remanejamento, diminuimos as equipes da externa e fizemos uma espécie de dia sim e dia não. (D1, 2020)

Conforme a fala do diretor, o trabalho em home office iniciou na segunda semana de março e se estendeu até a segunda semana de junho, afirmou que essa tomada de decisão foi fundamental para proteger a vida dos colaboradores. A outra mudança aconteceu na escala de trabalho da equipe de externa, formada por repórteres e cinegrafistas, que foi diferenciada para eles, passando a trabalhar em dias intercalados (dia sim e dia não).

Corroborando com resultados, Temer e Leite Junior (2020) ressaltam que houve recorrências em algumas práticas de telejornalismo durante a pandemia do coronavírus, sendo a primeira delas a tentativa de distanciamento social, em que os jornalistas realizavam reportagens direto de suas casas, entrevistando fontes via internet por videoconferência, ou com repórteres e fontes, quando ocupando o mesmo espaço, utilizando microfones diferentes e afastados cerca de dois metros.

Isso leva, na visão dos autores supracitados, ao segundo fator recorrente no jornalismo praticado no período analisado: a hibridização dos formatos. Com repórteres trabalhando de casa e a videoconferência sendo um modelo adotado com frequência, se tornando mais parecido com conteúdos audiovisuais com imagens. Ainda para os autores, essa microinovação, não chega a ser a mudança estrutural, visto que para mudar a forma do jornalismo, seria necessária uma maior profundidade. Dessa forma, concluem que não chega a ser algo que prejudique a qualidade do jornalismo, pois acaba aproximando o jornalista ao cidadão comum.

4.2.3.1 Medidas de segurança

Em relação à dimensão medidas de segurança, além do trabalho em home office, distanciamento do repórter e fonte, identificaram-se, na análise da entrevista com o diretor de jornalismo, outras mudanças significativas, que buscaram proteger a equipe de externa. Além do uso de máscara e de dois microfones, a limpeza do local de trabalho, onde as equipes de rua ficavam ao chegar à redação, durante a produção

dos textos, também foi adotada como medida sanitária. Esta medida incluía a limpeza dos teclados, mouses e mesas, e a desinfecção da redação e dos carros que eles usavam, conforme mostra a fala do diretor entrevistado:

Mandamos por quatro vezes fazer a desinfecção das nossas instalações; adotamos o sistema de desinfecção dos nossos equipamentos a cada hora que saía e que voltava da rua; adotamos o kit higiene dentro dos veículos que era o álcool em gel, máscara e o Lysoform, que é um produto que mata bactérias ou até mesmo os vírus ou qualquer outra coisa que pudesse colocar em risco nossas equipes. Além, é claro, de orientarmos quanto à lavagem das mãos etc. (D1, 2020).

Reforçou, ainda, que o trabalho com os colaboradores da limpeza foi fundamental para manter limpos os ambientes onde as equipes ficavam. Relatou que foi instituído que a cada quatro horas fosse feita uma limpeza nos locais, que incluem redação e estúdio de gravação dos off's das entrevistas. Depois que os produtores voltaram a trabalhar internamente, na redação, a emissora passou a fazer testagens rápidas de Covid-19 nos funcionários.

Reforçamos também o trabalho com nossos colaboradores da limpeza, instituímos a limpeza a cada quatro horas das mesas, mouse, teclado, para as equipes que tinham que ficar. Era impossível deixar a emissora só. Adotamos também a testagem nas equipes (D1, 2020).

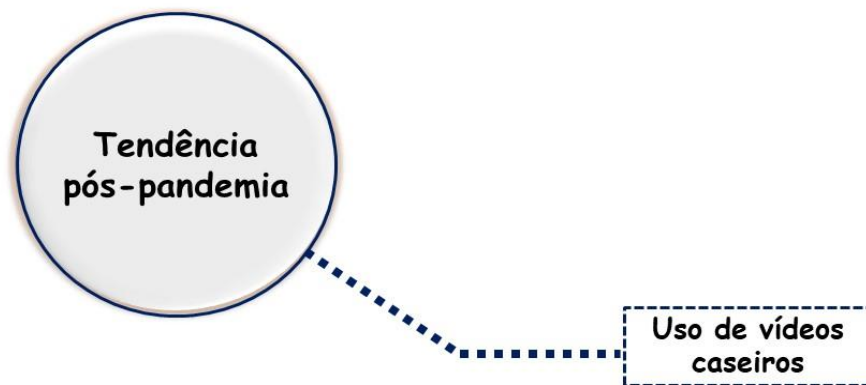
Portanto, a partir dos relatos do diretor de produção da emissora pesquisada, observou-se que as medidas de segurança adotadas pela direção de jornalismo, buscou evitar a proliferação do vírus entre os jornalistas, sem deixar que o trabalho parasse. O diferencial na cobertura da pandemia, de acordo com Lima e Pires (2020), está no foco maior dado à pandemia, o olhar alternativo com base em dados mais precisos e oficiais, e as fontes escolhidas em relação aos tradicionais, assim como a transformação dos números de vítimas em nomes.

Dessa forma, pode-se inferir, a partir dos resultados, que o aumento da jornada de trabalho também foi um fator determinante na cobertura das notícias durante o período crítico da pandemia da Covid-19. A necessidade da busca de informações dadas por fontes, e a dificuldade de contato com as mesmas, também afetou a produção, devido as medidas sanitárias, que eram necessárias para aquele momento, e continuam sendo até os dias de hoje.

4.3 TENDÊNCIA PÓS-PANDEMIA

Ainda é precoce afirmar como serão as redações de telejornalismo após a pandemia. No entanto, observou-se outra categoria, que emergiu durante as entrevistas com os participantes da pesquisa foi Tendência pós-pandemia, que gerou uma subcategoria uso de vídeos caseiros.

Esquema 3 - Categoria da Tendência pós-pandemia.



Fonte: Silva, 2021.

Ao mesmo tempo em que há jornalistas trabalhando fora de casa, os telejornais mostram também repórteres distantes fisicamente da redação e das ruas, repassando informações de qualidade, garantido o direito dos cidadãos de acesso à informação. Conforme explicado por Temer e Leite (2020), por conta da pandemia da Covid-19, os telejornais se viram obrigados a usar mais imagens de arquivo do que era de costume.

E, mesmo com repórteres na rua, a dificuldade de se fazer novas imagens propiciou aos telejornais a utilização de recursos diferenciados, como os vídeos selfies. De acordo com os resultados, a maioria dos entrevistados aprovou a utilização

de vídeos caseiro, necessitando apenas de aprimoramento na desenvoltura, como, regras e estratégias de gravação e foco no conteúdo.

4.3.1 Uso de vídeos caseiros

A partir dos relatos dos entrevistados, o uso recorrente dos vídeos caseiros se mostrou uma forte tendência para o pós-pandemia, por outro lado, percebeu-se que há uma forte resistência entre alguns participantes. Entretanto, conforme a fala dos entrevistados, todos são unânimes em afirmar que a técnica veio para ficar:

Esses vídeos ajudam na construção da matéria, porém não podemos nos limitar apenas neles. Eles apenas vêm nos dar um reforço, caso a gente não tenha a possibilidade de entrevistar pessoalmente essa fonte. Ele acaba ajudando, agregando mais a matéria. Mas nós não podemos nos limitar só a ele, temos que ter outras fontes pra construir a matéria. (R3, 2020) este depoimento não mostra que o entrevistado acha que os vídeos caseiros vão continuar no pós-pandemia

Sim, com certeza. Porque ele estreitou o relacionamento. Às vezes, ficava inviável quando a gente tentava um horário disponível e eles não conseguem atender. (R4, 2020)

Em consonância com a fala dos entrevistados, como previsto por Martins (2012), o uso das novas tecnologias alterou o modo de fazer televisão no Brasil e no mundo, a exemplo disso está o uso dos vídeos caseiros durante a pandemia. Esta ferramenta mostrou o quanto os profissionais da imprensa estiveram e estão engajados em levar a notícia, não importando a barreira a ser enfrentada, mostrando que é possível se adaptar em tempos difíceis. Desse modo, as tecnologias digitais transformaram o modo de ver e de fazer televisão, possibilitando assisti-la nos mais variados suportes: da internet ao celular, do som do carro ao GPS, os quais podem ser classificados, conforme diria o canadense Marshall McLuhan, como extensões de nós mesmos (MARTINS, 2012).

É importante ressaltar que os entrevistados relataram que esse tipo de material já vinha sendo usado pela emissora antes da pandemia, mas não com tanta frequência como se viu na crise. Os principais motivos para as opiniões contrárias em relação ao uso dessa técnica é a falta de contato com a fonte. Para o Repórter 2, as chamadas de vídeo por Skype ou WhatsApp, tendo o cinegrafista gravando a conversa o tempo todo, seria a melhor saída. Entretanto, concorda que em algumas situações não haverá outra escolha:

A gente não perde a pauta, consegue desenvolver o material. Mesmo depois dessa pequena liberação de poder se aproximar um pouco mais deles, ainda são muito eficazes com certeza. (R2, 2020)

Mas, existem alguns participantes da pesquisa que se mostraram um pouco mais resistentes quanto a continuar usando os vídeos caseiros em um momento pós-pandemia. Eles acreditam que durante a pandemia foi uma boa alternativa, mas que não pode ser encarada como algo a ser explorado de forma contínua e, sim, quando houver uma grande necessidade.

Outra situação a ser explorada, se remete às entrevistas à longa distância, na qual seria impossível a presença da equipe de reportagem. O posicionamento do repórter 1 é de que os vídeos caseiros podem permanecer, visto que esse tipo de material tem auxiliado na produção dos conteúdos durante a pandemia. Ressalta ainda a contribuição das fontes na produção desses vídeos. Outro fato reforçado por ele, é quanto a não perder assuntos relevantes por questões de distanciamento da fonte, impostas pelas regras sanitárias:

Esses vídeos auxiliam bastante porque eles (entrevistados) já sabem como devem gravar e eles contribuem em nosso material. A gente não perde a pauta, consegue desenvolver o material (R1, 2020).

Já o Repórter 2 acredita que os vídeos caseiros não permitem um contato direto com a fonte e limita o trabalho. Para ele, uma chamada de vídeo utilizando aplicativos como WhatsApp é mais eficaz, pois assim consegue conversar com o entrevistado e pode dirimir todas as dúvidas sobre o assunto, o que não acontece quando os vídeos são gravados e enviados pelo colaborador sem a intervenção do repórter, tal como mostra o seu relato:

Particularmente preferia que fosse outra “situação” (outra opção), não a vídeo selfie. Porque, como te disse: falta essa interação. Se fosse em outros aplicativos, assim como estamos fazendo agora, que é ligando pelo WhatsApp, entrevistar pelo WhatsApp com o cinegrafista filmando a conversa, eu acharia melhor. Porque com a vídeo selfie, a gente fica muito preso. Aliás nem é vídeo selfie, é vídeo que eles enviam pra gente. A gente fica muito preso ali. Se fosse interagindo, como estamos fazendo agora, eu acho melhor. (R2, 2020)

Para o Repórter 3, os vídeos caseiros ajudam na construção dos conteúdos, mas não devem ser a única alternativa. Acredita que esse tipo de material deve ser apenas um elemento entre outros, que deve ser usado na matéria. Levantou uma crítica quanto à qualidade desses vídeos, pois, para ele, a qualidade de imagem é muito baixa. Na visão dele:

Ele acaba ajudando, agregando mais a matéria. Mas nós não podemos nos limitar só a ele, temos que ter outras fontes pra construir

a matéria. Caso contrário, a gente acaba perdendo um pouco de imagem e informação e ainda tem a questão da qualidade. Os vídeos não vinham com a qualidade cem por cento. Mas como era a única alternativa, não tinha outro meio. (R3, 2020)

Para Temer e Leite Junior (2020), a utilização de vídeos gravados pelo celular de qualidade precária, videoconferência com fontes distantes e com alguns pequenos problemas de enquadramento, não é uma novidade no telejornalismo. Mas a intensidade com que eles foram usados durante a pandemia no Brasil chamam a atenção. Apesar de terem sido introduzidos de forma gradual e emergencial, à medida em que os casos de Covid-19 aumentavam, foram utilizados em larga escala pelo telejornalismo. Nesse contexto, o Repórter 4 se apresenta mais otimista quanto ao futuro dos vídeos caseiros, acredita que esse tipo de material pode ocupar as redações da emissora, mesmo depois da pandemia:

Sim, acredito que sim. Principalmente quando o entrevistado estiver impossibilitado de encontrar a gente. Acredito que veio pra ficar. Assim como as medidas de segurança, de proteção individual. (R4, 2020)

Portanto, os resultados da pesquisa apontaram uma forte tendência para o uso diário dessas modalidades de vídeo por parte da emissora, que reconhece que os telespectadores assistem aos telejornais para se manterem informados. E, que esse processo é feito também por meio das imagens do que é relatado pelos repórteres. Ao mesmo passo em que existem jornalistas que trabalham fora de casa, o telejornal também, segundo Temer e Leite Junior (2020), abre espaço para mostrar o repórter distante fisicamente da redação e das ruas, entretanto bem informado, repassando informação de qualidade ao cidadão.

Por conta da pandemia do novo coronavírus, o telejornal se viu obrigado a usar mais imagens de arquivo do que de costume. E, mesmo com repórteres na rua, com o distanciamento social, a dificuldade de se fazer novas imagens também contou para que o telejornal tivesse que se adaptar. Essa nova estética da entrevista no telejornalismo foi implantada para garantir a segurança e a saúde de todos os repórteres e entrevistados (SILVA et al., 2020). Por outro lado, essa estratégia pode acarretar em dois possíveis problemas, as fontes podem ficar intimidadas e os repórteres terem menos domínio da entrevista. No entanto, observou-se pelos resultados da pesquisa, que a edição do telejornal pode minimizar esses efeitos e torna-los imperceptíveis ao público.

A utilização de todos esses recursos, citados nos resultados (vídeos gravados pelo celular de qualidade precária, videoconferência com fontes distantes e com

alguns pequenos problemas de enquadramento, infografia e utilização de imagens de arquivo) não é uma novidade no telejornalismo. Mas a forma e intensidade que foram utilizados durante a pandemia chamam a atenção. Apesar de terem sido introduzidos de forma gradual, à medida que os casos de coronavírus no Brasil aumentavam, foram utilizados em larga escala (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

Em tempos de grave ameaça ao bem-estar das pessoas, estar informado é um marco fundamental, que pode estabelecer uma linha divisória entre a vida e a morte, o que reforça que a informação é um direito humano inalienável. Neste contexto, os grandes grupos de comunicação também tiveram que se reinventar, adaptando suas equipes ao novo cenário, e administrar seus produtos, dando ênfase aos conteúdos jornalísticos, esforços entendidos como necessários para a superação da crise (SILVA, et al., 2020).

Dessa forma, através da fala dos entrevistados, percebe-se uma ideia de responsabilidade da emissora quanto à divulgação de informações acertadas sobre a pandemia, bem como uma percepção da missão de proteção ao jornalismo, aos jornalistas e as fontes, fazendo chegar até a sociedade uma visão mais próxima da realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19, que vem assolando o planeta, impactou diversos setores sociais, econômicos, bem como redes de comunicação, pois o Jornalismo, do modo que se conhece, também sofreu com as mudanças causadas pelo vírus. No Estado do Amapá não seria diferente, a pandemia também comprometeu setores do jornalismo, e por isso questionou-se como a equipe de jornalismo da TV Equinócio produzia os conteúdos jornalísticos exibidos durante a pandemia.

Partindo desse contexto, esta pesquisa buscou analisar a construção das reportagens, da produção da pauta à finalização, realizada pelos repórteres da emissora durante a pandemia do Coronavírus, em Macapá. Para tanto, foi examinada a produção das pautas dos conteúdos exibidos nos telejornais da Tv Equinócio. Foi também verificado e descrito como as entrevistas foram viabilizadas, e como os repórteres da Tv Equinócio produziram suas reportagens no período investigado. Dessa forma, considera-se que os objetivos propostos para a realização desta pesquisa foram alcançados.

Foi possível constatar que a referida emissora tomou novas formas para se adaptar e não deixar de informar seu espectador, onde o setor de produção da emissora TV Equinócio solicitava às fontes que gravassem vídeos em seus celulares, respondendo as questões previamente levantadas pela pauta. Percebeu-se ainda, que essas mudanças foram bastante visíveis para o telespectador, onde os cumprimentos de protocolos sanitários exigiam o uso de máscaras, dois microfones e distanciamento das fontes por parte dos repórteres.

A partir dos resultados, pode-se inferir que o uso da tecnologia foi crucial para o desenvolvimento do trabalho do jornalista, bem como a colaboração da fonte, que agiu de modo direto para a construção das matérias, gravando vídeos caseiros que, posteriormente, foram usados nas matérias que iam ao ar nos telejornais da emissora. Ressalta-se que as observações e as entrevistas possibilitaram entender e conhecer os desafios enfrentados pelos profissionais entrevistados no desenvolvimento de suas funções.

Entre esses desafios, o que ficou mais latente foi o fato de a direção de jornalismo ter tomado a atitude de transferir o trabalho dos produtores para o home office. Neste sentido, partindo do que foi relatado pelos entrevistados, o trabalho desses profissionais foi prejudicado em certos pontos, principalmente no que diz

respeito à proximidade e convivência com os colegas de redação. Esses fatores são considerados fundamentais por eles, na hora da construção das pautas. Outra mudança apontada foi a participação da fonte de forma ativa, com forte influência, pois deixou de ser uma simples testemunha e passou a ser uma espécie de repórter cinegrafista, quando fora solicitado que ele gravasse os vídeos de seus telefones pessoais.

Dessa forma, pode-se inferir que a pandemia deixou marcas em todas as etapas de construção das matérias. Em se tratando dos repórteres, tal fato dificultou na construção da narrativa das matérias, na percepção deles, faltou a aproximação com a fonte, fundamental para reportar o fato da forma que ele é, e não apenas com as informações dos entrevistados, que gravavam os vídeos caseiros. Longe da fonte, o repórter não fazia a leitura do corpo e nem do ambiente em que ele se encontrava, tais observações descritas na reportagem poderiam deixar o texto mais rico.

Diante do que foi exposto nesta pesquisa, pode-se inferir que o jornalismo se deparou com uma grande necessidade em se adaptar para não deixar de mostrar para a população o que estava acontecendo, não só no Amapá, mas em todo o mundo. Tais circunstâncias deram visibilidade para o uso das tecnologias, como, a internet e o *smartphone*, principalmente, na produção de notícias. Portanto, o telejornalismo durante a pandemia do novo coronavírus, em Macapá, sofreu modificações significativas que alteraram a forma de produzir matérias jornalísticas.

Dessa forma, considera-se que essa pesquisa servirá como base para novos estudos que buscam elucidar os desafios enfrentados pelo telejornalismo frente ao cenário pandêmico da Covid-19, visto que descreveu o cotidiano de uma equipe de telejornalistas amapaenses, buscando valorizar o trabalho e honradez de suas funções. Certamente, foi apenas um passo no processo de entendimento dessas mudanças de paradigmas em tempos de pandemia, mas que abre caminho para novas investigações sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. **Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes**. *LÍBERO – São Paulo* – v. 18, n. 36, p. 43-54, jul./dez. de 2015. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/19> Acesso em: 06.02.2020.

ANDRADE, Elisângela; SAAR, Claudia Arantes. **A pandemia de Covid-19 e as mudanças no telejornalismo na cidade de Macapá**. *SOPCOM Estudos de Jornalismo* – nº 13 / 2021.

AROSO, Inês Mendes Moreira. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso**. 2003. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwix6aKvudDyAhWFIJUCHVKqA6oQFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fbocc.ubi.pt%2Fpag%2Faroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf&usg=AOvVaw0PAD4kOn0w54xfBd3YoVrf> Acesso em: 06.02.2020

AZAMBUJA, Grace Kelly Bender. **Jornalismo 3G: reconfigurações da produção jornalística na era da mobilidade**. 2010. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiG1cisptDyAhUmrpUCHVbICJYQFnoECA8QAQ&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.asav.org.br%2Fvinculos%2Ftede%2FGraceAzambujaComunicacao.pdf&usg=AOvVaw0H4ljuZdZlIcKcniIPcP6w> Acesso em: 06.02.2020

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. Disponível em: Acesso em: 05.09.2021 <http://files.jornalismo2010fiam.webnode.com.br/200000058-c2ec8c3457/Manual%20de%20Radiojornalismo,%20cap%C3%ADtulos%208,%209%20e%2013.pdf>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2009.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. **Historicidade da participação e interação no jornalismo televisivo**. *Revista Brasileira da história da mídia*, VOL. 9 | Nº 1 | jan./jun. 2020. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9041/6419> Acesso em: 08.02.2020

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj86KCWwdDyAhUsq5UCHb61CZoQFnoECAMQAQ&url=https>

[e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf&usg=AOvVaw0jnKSJzMB5w1X1l5SnOwxl](#)
Acesso em: 10.02.2020

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **População estimada**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, T. M. **Pirâmide e hipernotícia**. Elementos para uma discussão sobre o texto no jornalismo digital. In: ADGHIRNI, Z; MOURA, D.; PEREIRA, F.; (Orgs). **Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2009

LAGE, Leandro Rodrigues. **O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas**. In: Revista Contracampo, v. 27, n. 2, ed. ago-nov, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 71-88 Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwir3vubstDyAhXoppUCHez3Dw0QFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.uff.br%2Fcontracampo%2Farticle%2Fdownload%2F17501%2F11127%2F65283&usg=AOvVaw1t9jt7NFMdKLbp3-nOHm_ Acesso em: 20.02.2020

LIMA, A. M. B.; PIRES, P. V. G. Jornalismo alternativo na Amazônia Amapaense: o empreendedorismo digital na pandemia da Covid-19. In: OLIVEIRA, H. M. G.;

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em : <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm> Acesso em: 20.02.2020

MACÊDO, Jamila Carolina de Sousa Gonçalves. **Mudanças do telejornalismo na era digital**: Estudo de caso da reformulação do Jornal Nacional. Centro Universitário de Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/11913> Acesso em: 20.02.2020

MACAPÁ. **Decreto nº 1.704 de 20 de março de 2020**. Medidas de restrição de aglomeração de pessoas com a finalidade de reduzir os riscos de contágio de moléstia grave denominada novo Coronavírus (Covid-19). Macapá: Prefeitura Municipal de Macapá, estado do Amapá, 2020. Disponível em: <https://macapa.ap.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/Di%C3%A1rio-Oficial-3770-20.03.2020.pdf> Acesso em: 20.10.2021

MCLUHAN, Marchal. **Contraexplosión**. Buenos Aires: Paidós, 1969. Disponível em <file:///C:/Users/COMPUTADOR/Downloads/2140-8525-1-PB.pdf> Acesso em 07.09.2021

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semiestruturada**: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. Anais... Bauru: USC, v.1, 2004. p. 1-10. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&u>

[act=8&ved=2ahUKEwj77N7xytDyAhW-lbkGHfQbAj8QFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.marilia.unesp.br%2FHome%2FInstituicao%2FDocentes%2FEduardoManzini%2FManzini_2004_entrevista_s_emi-estruturada.pdf&usg=AOvVaw2U_boc6KckDHKeaSfimxcD](https://www.marilia.unesp.br/Home%2FInstituicao%2FDocentes%2FEduardoManzini%2FManzini_2004_entrevista_s_emi-estruturada.pdf&usg=AOvVaw2U_boc6KckDHKeaSfimxcD) Acesso em: 28.02.2020

MARTINS, Elaide. **Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel**. Dossiê. Brazilian Journalism Research, volume 8, número 2, 2012. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/434> Acesso em: 03.03.2020

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. - 3.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjaxtSL5NHyaHUYrJUCHTYlCqEQFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Fedisciplinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F4543722%2Fmod_folder%2Fcontent%2F0%2FTim-May-Pesquisa-Social.pdf%3Fforcedownload%3D1&usg=AOvVaw1xr2FOsSem6KvBIOjPrfnH Acesso em: 03.03.2020

MELO, E. **Na tela da Tv Tupi: as marcas históricas do telejornalismo brasileiro**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em jornalismo, 13, 2015, Campo Grande. **Anais** do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em jornalismo, Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

MENDES, L. C. K. B. **A produção jornalística e as mídias sociais: a utilização do Facebook e do Twitter na construção da notícia**. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17009/1/2014_LucianaCarlaKwiatkoskiBauermannMendes.pdf Acesso em: 20.10.2021

MOTTA, L. G. **Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 1, n. 19, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3187/2453> Acessado em: 15.10.2021

PEREIRA, Lívia Cirne de Azevedo. **Os avanços tecnológicos no telejornalismo brasileiro: de 1950 à Era digital**. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf> Acesso em: 03.03.2020

RIBEIRO, Ângelo Augusto. **O uso de telefones celulares para a produção de conteúdo: viabilidade, possibilidades e necessidades – Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.II Nº 2 – 2005**. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj92daOodDyAhUBLLkGHcM6AHEQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fjornalismo%2Farticle%2Fdownload%2F2214%2F1863%2F6276&usg=AOvVaw06fd2efGQjD0lfbADu5s4f> Acesso em: 03.03.2020

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no Jornalismo**. Florianópolis, Editora Combook, 2011. Disponível em: [Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo - Google Livros](#) Acesso em: 03.03.2020

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Disponível em <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/sontag-diante-da-dor-dos-outros.pdf> Acesso em: 15.02.2020

THOMÉ, Cláudia (org.). **As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020. Disponível em : <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjq-bGPu9DyAhXbr5UCHXPzBlisQFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.intercom.org.br%2Fsis%2Feventos%2F2020%2Fresumos%2FR15-0560-1.pdf&usg=AOvVaw0TpzE6VtIH9V86FMHFQOZ1> Acesso em: 15.02.2020

VIEIRA, Giovanna Conceição. **Telejornalismo em transformação: as mudanças causadas pelo processo de legitimação dos smartphones nas redações**. São Paulo, 2020. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado). Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiwjrHfrNDyAhUaHbkGHf5BCHwQFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Ftede2.espm.br%2Fbitstream%2Ftede%2F485%2F2%2FGiovanna%2520Concei%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520Vieira.pdf&usg=AOvVaw0x6klkYVxQy5cA7DaE9R-j> Acesso em: 05.05.2021

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjfwc6hyNDyAhWaGbkGHdiICUwQFnoECC4QAQ&url=https%3A%2F%2Fsaudeglobaldotorg1.files.wordpress.com%2F2014%2F02%2Fyin-metodologia-da-pesquisa-estudo-de-caso-yin.pdf&usg=AOvVaw3BQITWxa2z3Jocyehy_ZNH Acesso em: 09.03.2020

ZANOTTI, Carlos Alberto. **Jornalismo colaborativo, gêneros jornalísticos e critérios de noticiabilidade**. Revista Comunicação Midiática, v.5, n.1, p.28-41, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/352/351> Acesso em: 05.05.2021

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PRODUTOR

1 – Há quanto tempo você atua como produtor?

2. O que mudou na produção das pautas durante a pandemia?

3 – Houve necessidade de realizar o trabalho em home office?

4 – Qual a diferença entre o trabalho em home office e o trabalho na redação?

5 – No que diz respeito às entrevistas, houve mudanças? Quais?

6- Você considera o uso dos vídeos selfs, enviadas pelos entrevistados, como uma nova forma de construção de matérias? Por que?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA REPÓRTER

1 – Há quanto tempo você trabalha na emissora?

2 . Há quanto tempo é repórter?

3 – Como ocorreu seu trabalho durante a pandemia? Houve mudanças?

4 – Em algum momento, você teve necessidade de realizar o trabalho em home office?

5 - Como ocorreu o trabalho em home office?

6 – Como você passou a construir suas matérias a partir dos vídeos selfs enviados pelas fontes?

7 – As informações repassadas pelas fontes eram suficientes para a matéria?

8 – Você considera o uso das vídeos selfies, enviadas pelos entrevistados, como uma nova forma de construção de matérias? Por quê?

9 - Você sentiu falta desse contato direto com a fonte?

10- Você acha que vídeo self enviadas pelo entrevistado limitou seu trabalho de apuração dos fatos?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GERENTE DE JORNALISMO

1 – Como ocorre o trabalho de gerencia de jornalismo?

2 – Há quanto tempo você trabalha na Emissora?

3 – Quantas equipes de reportagens compõem o quadro do jornalismo da Emissora?

4- Desde quando a empresa passou a adotar o uso de vídeo selfs dos entrevistados para compor as matérias e por que essa decisão foi tomada?

5 – Você acredita que os vídeos enviados pelas fontes supriram a necessidade da pauta e das reportagens?

6 – Você acredita que o uso de vídeos selfs ajudou a amenizar o contágio do coronavírus na equipe?

7 – Você acredita que o uso dos vídeos selfs será recorrente mesmo depois da pandemia? Ele veio pra ficar?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu _____, autorizo André Thiago da Silva, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), a utilizar as informações por mim prestadas por meio de entrevista, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **“A produção telejornalística durante a pandemia de Covid-19: um estudo de caso sobre o trabalho da equipe de jornalismo da Tv Equinócio”** que está sendo orientado pela Professora Doutora Elisângela Lima De Andrade.

Macapá – AP, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do entrevistado